

# Revista de Ensino

ANNO XII

MARÇO — 1914

NUM. 4

## PEDAGOGIA PRÁTICA

### Como conseguir e conservar a atenção

#### CAPITULO XI

##### SUGGESTÕES GERAES A RESPEITO DA ATENÇÃO

1 — *Consegui a sympathia de vossa classe* — Si conseguirdes attrahir a atenção de vossos alumnos, elles se interessarão naturalmente pelas lições explicadas. O modo amistoso do professor para com os alumnos é causa de estima destes para com aquelle. O desejo de agradar a um professor bondoso levará a grandes esforços para concentrar a atenção no assumpto que elle ensina. Os professores devem procurar ser alegres, bondosos, cortezes, polidos e justos em todas as suas relações com os alumnos, dentro e fóra da escola.

«Bom dia» — Dá-se facilmente, mas difficilmente se esquece. A criança deve ser tratada de maneira a não pairar dúvida em seu espirito a respeito da estima que o professor tem por ella, e, do mesmo modo, do interesse que toma pelo seu progresso e bem estar. Só assim pode-se conseguir a condição necessaria de calma de espirito e o esforço cooperativo entre professor e alumno sem o qual não pôde aprender. Os alumnos mais negligentes e mais viciosos precisam mais de nosso terno interesse. Nossa inclinação para as crianças intelligentes, attrahentes e obedientes é muitas vezes mero egoismo. Gostamos dellas porque nos dão prazer. Não ha o desejo altruistico de purificar ou elevar, ou fortificar a criança, tornando-a nossa amiga. Muitas vezes uma criança desobediente é uma criança capaz. Ser rebelde requer força e independencia de character; é um verda-



deiro interesse sympáthico dirigirá os poderes de força e independência para o bem e não para o mal.

O carinho dispensado pelo professor ao alumno repulsivo ou indifferente produz a mais alta recompensa moral para ambos. Niuguem poderá descrever a alegria de tal amor altruistico.

2 — *Conseguí a confiança de vossa classe.* — Mostrai aos alumnos que não só considerais os assumptos que ensinai de grande importancia, mas tambem que nunca despertais perguntas que não podeis responder. Tende o trabalho sempre preparado; nunca arrisqueis uma conjectura.

Que é uma mesquita? perguntou um menino. Por acaso o professor não sabia e não era bastante honesto para confessal-o. Arriscou a sua reputação, dando uma explicação falsa: «Oh! uma mesquita é uma especie de sofá muito commum nos paizes orientaes».

Aquella classe não podia ter mais confiança no professor depois de uma tal resposta. Não ha vergonha em não saber tudo, mas é vergonhoso ser deshonesto em pretender saber aquillo que se ignora. Reconhecei francamente a vossa falta de informação o respeito de qualquer questão que se levantar derepente e que não tenhais considerado de antemão. Si fizerdes assim, os vossos alumnos terão confiança porque falais desembaraçadamente e convencido da verdade.

3 — *Sêde magnético.* — Não é bastante só attrahir a attenção do alumno, é preciso mantel-a. A maneira do professos influe muito em manter a attenção da classe. Elle precisa fazer com que os alumnos durante a lição se esqueçam de sua propria individualidade, e que tenham o professor como unico fito.

Como se pode fazer isso?

a) O professor precisa comprehender o assumpto e ter a lição de tal modo preparada, que não sinta nenhum esforço mental no ensino della.

b) Precisa considerar a lição importante.

c) Precisa ser ardente e enthusiástico para despertar zelo correspondente da parte dos alumnos.

d) Precisa que não seja desaminado, frio, formal ou mechânico no seu ensino.

4 — *Estudai, vós mesmos, a lição.* — Não decoreis meramente a lição, nem confieis nas lições preparadas por outrem, por melhores que sejam. Que a lição seja organizada com cuidadoso processo de pensamento, embora não seja original.

Estudar uma lição, repetindo os pensamentos em ordem ló-

gica e considerar as suas relações recíprocas e o fito geral da lição em conjuncto, augmenta o poder pessoal do professor e seu poder de conseguir e manter attenção. Ha tanta differença entre a influencia pessoal de um professor que tem estudado cuidadosamente a lição e a influencia daquelle que a decorou, como ha entre a attracção de um orador que fala sem notas e o homem que lê o seu discurso. Um professor pode dispensar a sua attenção á classe, o outro precisa attender principalmente á lição. A differença no effeito produzido pelas duas maneiras de ensinar é muito maior nas crianças do que nos adultos.

5 — *Tende certeza que os alumnos comprehendem claramente o trabalho que estão fazendo.* — Os alumnos não podem prestar attenção intelligente ao que é indefinido e confuso. Os adultos são inclinados a empregar palavras que são completamente incomprehensíveis ás crianças. Os professores são muito sujeitos a esquecer as difficuldades por sua propria experiencia do estudo na infancia, e, geralmente avançam rapidamente deixando de adaptar os passos no ensino á capacidade das crianças.

6 — *Não vos fieis demasiado em respostas simultâneas.* — Si confiardes, não podeis ter certeza de que os alumnos estejam prestando attenção intelligente. Podem mechanicamente fazer parte em repetir uma resposta, sem estar pensando. Podeis ensinar, pelas respostas simultâneas, os alumnos a falar alto, mas a resposta em taes casos não pode ser o resultado de pensamento independente. Não deveis confundir repetição simultanea com resposta simultanea. A repetição frequente de qualquer cousa que se tem de decorar è muitas vezes o meio mais rápido de graval-a no espirito dos alumnos.

Todos os membros de uma classe, sendo bem exercitados, podem repetir expontaneamente exposições breves feitas pelo professor. Podem mesmo responder juntos quando fazem revisão, si o professor deseja que a resposta seja dada com uma certa fórmula de palavras.

Ha, porém, o perigo dos mais indolentes esperarem a primeira palavra dos mais applicados. Nunca devem responder juntamente durante o ensino, a não ser que a resposta consista em uma unica palavra. Si a resposta de uma pergunta exige pensamento independente, não deve ser simultanea porque cada alumno pode ter uma resposta differente. Si a resposta deve ser litteralmente a mesma, póde ser dada simultaneamente. A repetição simultanea exige grande cuidado. O professor precisa falar com a maior precisão e clareza possiveis, e attender ás respostas com o maior cuidado. Estas respostas devem ser dadas em um tom natural de voz.



As classes onde se permite a repetição em conjunto adquirem o modo de falar alto e arrastado, que é muito desagradavel. Todo o professor deve se lembrar de que responder simultaneamente é a especie mais mecanica do ensino.

7 — *Tende paciencia quando as crianças tenham difficuldade em dar attenção fixa.* — O poder de dar attenção, como todos os outros poderes, desenvolve-se pela prática. E' difficil para uma criança limitar a sua attenção a um objecto attrahente, e muito mais difficil attender e uma lição formal. A attenção deve se tornar um hábito e os hábitos exigem tempo para se formarem. Os professores devem se contentar desde logo, si os alumnos tiverem vontade de dar attenção.

(Continúa)

Curso de phylosophia e psychologia

## O CONTAGIO MENTAL

Quarta lição no amphitheatro da Escola Normal

POR GEORGE DUMAS

A questão do contagio mental é bastante confusa e nublada e tal facto deverá attribuir-se, tanto á confusão do vocabulario, como á complexidade do assumpto. Designam-se, com effeito, pela expressão contagio mental duas ordens de factos completamente differentes: uns, mórbidos, pathológicos, dependem apenas da psychiatria; outros, normaes, correntes, dizem respeito ás *inter-acções* dos homens, e dependem da psychologia social.

No sentido social, o contagio mental constitue um mecanismo de communicação entre os espiritos; diz-se, por exemplo, que tal emoção, a cólera, o medo, tal costume, tal moda, se propagaram pelo contagio mental.

No sentido psychiatria, o contagio mental é a infecção mental d'um individuo produzida por outro; diz-se, por exemplo, que um sujeito foi *contagiado* por um alienado, perseguido ou megalómano, quando acceitou o seu delirio, quando co-parti-

cipiou delle e quando collaborou mais ou menos no desenvolvimento das idéas delirantes.

Bastará attentar nestes dois significados, para se comprehender que as duas categorias dos theóricos, que se occupam do contagio mental se encontram collocados em terrenos muito distantes e sem esperança de se juntarem; o peor é que elles ignoram frequentemente a distancia que os separa, e si *Bechterew* escreveu, ultimamente, no seu livro sobre a suggestão, cousas tão confusas e tão contradictorias, foi justamente porque tomou o termo indifferentemente nos dois sentidos.

Pode ainda fazer-se, na ordem social, uma distincção, conforme o contagio mental se tomar em sentido lato, ou em sentido restricto.

*Sighele*, que o encara no sentido lato, admite que qualquer influencia exercida por um espirito sobre outro pode ser considerada como um contagio mental, e não deveremos admirar-nos de que, nestas condições, o dominio do contagio mental se lhe afigure muito vasto; assim encarado, poderá falar-se, não só do contagio das tendencias literarias, mas ainda do contagio do *kantismo*, do idealismo, do christianismo, e a propria civilisação humana será inteiramente a resultante do contagio mental.

A esta concepção poderia oppôr-se a de *Durkheim*, aqui exposta, que admite uma realidade social anterior a qualquer contagio, possuindo condições de existencia propria; mas essa mesma extensão, dada por *Sighele* ao termo contagio, autoriza e justifica a crítica. Si podem comprehender-se no contagio mental todos os factos de influencia accieita ou experimentada, desde a imitação reflectida e querida ás mais ínfimas fórmas da imitação automática, é bem manifesto que o termo contagio designa cousas bem differentes para que possa se lhe attribuir um sentido preciso e que podem se definir com tal palavra os mais variados mecanismos.

Para evitar semelhante objecção, é que *Durkheim* justamente adoptou um sentido mais restricto e comparou o contagio mental á imitação automática. «Para que um acto, escreve elle, possa attribuir-se a um contagio mental, não basta, que a idéa nos tenha sido inspirada por um acto similar; torna-se, além disso, necessario, que, uma vez entrada no espirito, essa idéa se tenha por si mesmo automaticamente transformado em movimento. Então ha realmente contagio, visto que é o acto exterior que, penetrando em nós mesmos sob a fórma de representação, se reproduz por si proprio».

Só ha vantagens em acceitar esta definição precisa, que, de resto, concorda com a idéa que o senso commum fórma do contagio mental, mas será, comtudo, necessario dizer que os actos de contagio mental, abrangidos nesta definição restricta,



são muito menos automáticos e muito menos numerosos, do que ordinariamente se julga.

Aponta-se por exemplo, o bocejo como o typo do acto contagioso; esquece-se de que se não boceja sinão nos logares onde o ar é limitado, onde nos aborrecemos, como nos *omnibus*, nas salas de conferencia e de espectáculo, etc., etc., e então o phenómeno depende de condições physiológicas muito geraes, não sendo o contagio mais do que um pretexto apparente. Do mesmo modo, o contagio do riso não apresenta os caracteres de automatismo, que ordinariamente se lhe attribuem; quando vemos rir alguém, nos representam vagamente as razões que o fizeram rir, supponhamos mais ou menos e rimos, mas como si as conhecessemos um pouco, do que por imitação servil. Eguamente no pretendido contagio dos pánicos, ha sempre um estado anterior de inquietação, um desalento geral, e quando se imita um fugitivo, não é tanto em virtude de um contagio automático, mas porque se nos representa vagamente o perigo sob cuja ameaça elle foge. De uma maneira geral, pode dizer-se que a philosophia contemporanea, por amor ás classificações e ás opposições nitidas, exaggerou o papel do puro automatismo no pensamento humano, e por detraz de um gesto, de um movimento, que parece completamente automático, será muitas vezes possível encontrarem-se sentimentos e representações, cuja complexidade escapou, porventura, á primeira análise.

O contagio lato é, pois, em sociologia, um termo falho de precisão, e si o contagio, no sentido restricto, exprime um mecanismo mais preciso, convém no emtanto, fazer sérias reservas ácerca do papel e do automatismo desse mecanismo.

O contagio no sentido psychiátrico, tem o merecimento de apontar factos muito mais precisos e completamente incontestaveis; encontram-se, com effeito, frequentemente, entre a clientella de uma cidade ou de um hospital, perturbações mórbidas, idéas delirantes, *tics*, obsessões, cuja causa manifesta foi o contagio mental.

Tal contagio não poderia completamente assemelhar-se ao contagio biológico, pela simples razão de que, no contagio biológico, trata-se de uma verdadeira doença, transmittida por um microbio, e que evolue no segundo doente, de uma maneira autónoma; emquanto que, nas doenças mentaes, é um accidente, um *tic*, um delirio passageiro, que vai de um sujeito a outro, sem que tenha havido transmissão de uma verdadeira psychose. Apesar das estatísticas elaboradas sobre este assumpto pela clinica alleman e em especial por *Weygandt*, o certo é que nenhuma psychose se transmittiu jamais, emquanto psychose, por contagio. A analyse critica das observações publicadas não deixa a menor dúvida e tal respeito.

Entre os alienistas, nota-se um sophisma constante, que consiste em admittir que um sujeito atacado de uma psychose, tratando de um irmão, de uma irman, de seu pai, ou de sua mãe soffrendo de uma psychose análoga, contrahiu essa psychose por contagio, quando nesse caso a sua verdadeira origem reside num exgottamento physico ou moral sobreposto a uma herança commum, com effeito, não houve nunca mais do que contagios, mais ou menos passageiros, de accidentes e não de psychoses.

Tendo em visita estas reservas, pode collocar-se a questão do contagio mental nos mesmos termos da do contagio biológico, distinguindo nella tres capitulos: 1.º — sobre os mecanismos do contagio, que vão da demonstração á imitação involuntaria, passando, pela persuasão, e a imitação querida: 2.º — sobre a virulencia das perturbações mentaes, que é para o delirio a sua verosimilhança e para as perturbações hystéricas o seu caracter impressionante, etc; etc; etc; 3.º — sobre a resistencia dos terrenos, que se caracteriza pela debilidade da intelligencia ou da vontade, pelas predisposições para a interpretação delirante para a dúvida, para a *suggestionabilidade*, etc.; etc.

De uma maneira geral, si se abstrahir por um instante de todos os mecanismos de contaminação, da virulencia e da resistencia mentaes, pode dizer-se, com *Schoenfeldt*, que nos contagiamos quasi sempre por egoísmo; é actuando sobre os receios de sua mulher ou sobre as suas esperanças, que o perseguido megalómano acaba por fazê-la acreditar nos inimigos que os cercam a ambos e na fortuna de que ella terá tambem a sua parte; é pelo facto de a hystérica temer uma paralyisia, ou presenciada pelo seus olhos, ou de que ouviu falar, que o medo desdobrou sobre o senso consciente a sua influencia suggestiva e acabou operando o accidente receado; é porque tai nevropathia não pode resistir ás expectativas suggeridas pelas narrações entusiastas de certos morphinomaniacos, que elle se entregou á morphina. Si, portanto, se quizer fazer uma idéa completa das condições geraes do contagio mental, será necessario accrescentar a todos os mecanismos invocados, a todas as virulencias assignaladas e ao enfraquecimento da resistencia mental, o coefficiente resultante do egoísmo humano, representado pelas paixões de esperanza e de receio, as únicas que dizem respeito ao futuro, que não podem ser attenuadas pela experiencia presente e que são, por isso mesmo, os agentes mais effizantemente produtores da illusão, do delirio e do contagio mental.



Desejando que todos os Srs. Professores collaborem na *Revista*, auxiliando sua redacção, reproduzimos, com a devida venia, o artigo que *A Cidade de Franca* acaba de publicar extrahido do relatório do director do Grupo Escolar daquela cidade, professor José Olivar da Silva, sob o titulo

## Palestras Pedagógicas

Do relatório que o sr. prof. José Olivar da Silva, director do grupo escolar desta cidade, vai apresentar ao sr. Secretario do Interior, extrahimos estes topicos :

« Desde muito tempo que eu sentia desejo de manifestar-me com referencia ao magno e palpitante assumpto das "palestras" ou conferencias pedagogicas e, muito de propósito, aguardei a oportunidade da confecção deste pequeno relatório, para expender o meu conceito a respeito das reuniões quinzenaes dos professores dos grupos escolares, para os commentarios e palestras pedagogicas sobre assumptos que interessam aquelle estabelecimento de ensino, no tocante á parte administrativa e, sobretudo, no que diz respeito á importante parte técnica, isto é, no que se refere aos métodos e processos que devem ser, de preferencia, usados no ensinamento das diversas disciplinas que compõem o programma de ensino do curso primario.

Nenhuma outra iniciativa da Directoria Geral da Instrucção Pública, podia ser mais patriótica e determinação alguma podia prestar tão relevantes serviços á causa do ensino e, digamos mais, do professorado, como esta da conferencia quinzenal dos corpos docentes dos grupos escolares, sob a presidencia dos respectivos directores, para a elucidação de questões de ensino, tendo por ponto de partida os instructivos assumptos das XXV palestras de Francisco Parker.

« Cada grupo escolar tem a feição que lhe imprime o seu director », assim, em poucas, mas precisas palavras se expressou o sr. dr. João Chrysóstomo num dos seus últimos relatórios apresentados á Secretaria do Interior.

Como que confirmando essa judiciosa asserção, temos lido nas « palestras » o seguinte : « O professor, bom ou máu, deixa sempre uma impressão inapagavel em cada alumno sob seu cuidado.

E se os preceitos, o carácter, as attitudes, os gestos do professor « Immortalizam-se atravez da alma dos seus alumnos » se, portanto, a classe tem de ser o reflexo da disciplina e do regimen educativo implantado pelo professor que a dirige, o que é por demais aceitavel, por isso que, na prática, temos tido um

sem número de occasiões para constatar-mos que os discípulos são assíduos, primorosos, justiceiros e comportados, quando o professor é tambem assíduo ao trabalho, cuidadoso no cumprimento dos seus deveres, criteriosos na applicação da justiça, — pela mesma razão, o grupo escolar, ou as classes todas, não podendo fugir ao principio estabelecido e justificado, têm que se revelar perfeitamente de accordo com o conjuncto de preceitos, de principios educativos e de leis pelos quaes se amoldaram.

Assim como ao verdadeiro professor cumpre penetrar no intimo das crianças para perscrutar as suas inclinações e observar com delicadeza os segredos das suas pequeninas almas, sondando com cautela o rumo das suas paixões " estudando o estado somatológico e psychológico dos alumnos aos seus cuidados, afim de poder iniciar o seu trabalho com criterio positivo e scientifico ", ao director de um grupo de escolas, ao chefe de uma corporação docente, compete ajuizar das tendencias e do grau de capacidade profissional dos mestres, para com mais justificavel criterio e com mais firmeza de acção introduzir ou deixar de introduzir no ensino que deve ser ministrado nas classes este ou aquelle regimen, bem como assim terá informações seguras e precisas sobre como deverá ser o ensino, concorrendo, dest'arte, para o desabrochamento das boas inclinações ou evitando o desenvolvimento dos defeitos.

No decorrer das palestras terá então o director ensejo de se pôr em contacto directo com a força intellectual de seus auxiliares, conhecendo-lhes as aptidões e podendo avaliar, com segurança, do grau de capacidade moral e educativa de que gozam os mesmos perante os seus alumnos.

Medindo-lhes os genios, os caracteres, as maneiras de suas acções, os seus métodos, os seus regimens disciplinares e as suas vocações, não é dado mais ao director vacillar ante as medidas que deva tomar em beneficio do ensino e sobre os principios que devem regular a educação das crianças e a conducta dos mestres.

Um grupo escolar é, em verdade, uma só escola; são muitas pessoas numa só familia; são circulações num só coração e muitos individuos com uma só alma.

O director, vimos num Anuario de Ensino, — unico responsavel perante o Governo — é quem, por seu traquejo e experiencia, transforma as classes que constituem o grupo numa só escola, communicando-lhes uma alma, dando-lhes vida e harmonia de acção e acompanhando-as de perto para lhes sentir, a cada instante, as menores pulsações.

Esta é uma das grandes vantagens das palestras quinzenaes, as quaes devem ter uma feição essencialmente intima, inteiramente fóra do molde das conferencias literarias, destituídas de



carácter de discursos academicos, para o fim de apresentarem os professores os resultados de seus estudos e observações, visando um fim pratico e de immediata applicação, tal qual como muito bem tem recomendado a Directoria Geral em avisos de 17 e 21 de agosto do anno passado.

Essas palestras não devem passar dos limites de modestas reuniões de pessoas que cuidam dos mesmos mistéres, participando conjunctamente dos fructos da propria experiencia e estudo.

Temos observado que o resultado apresentado por ellas é satisfactorio e incontestavel : — a instrucção dos mestres tem progredido ; as classes, mais bem dirigidas, tiveram um número maior de matricula e de frequencia ; um sentimento de louvavel emulação se desenvolveu entre os professores, no sentido do melhoramento dos métodos do ensino e um laço de solidariedade se estabeleceu entre elles, até então sem se conhecerem, por isso que, não se conhecendo, nunca tiveram occasião de manifestar uns aos outros suas idéas sobre as questões tão delicadas da pedagogia pratica.

Quando se está convencido de que, para saber ganhar a vida no mundo, é preciso ter passado por uma preparação laboriosa, parece crer-se que para educar as crianças preparação alguma é necessaria ” (Spencer.)

A arte da educação é difficilima.

Tanto de esforço e abnegação exige do mestre, quanto de tacto o de precaução.

Não é possivel fazer-se com a constituição moral da infancia o que Cuvier fez com a especie animal, quando reconstituiu, com um só pedaço, o organismo inteiro. (Leçons de Psychologie.)

« A obra da educação é um perpétuo problema de equilibrio com a solução por fazer ». (Rayot).

Abandonemos essa theoria que só serve para provocar a negligencia e a preguiça e que pretende fazer-nos acreditar que sem estudos e sem esforços se pode ser bom mestre.

Preparemo-nos para receber abundantes sommas de conhecimentos sobre as disciplinas do ensino, sobre o governo da escola, sobre a hygiene dos educandos, sobre as funções do organismo e sobre a complicada engrenagem da psychologia infantil.

Charbonneau, director da escola normal de Melun, no seu bello curso de pedagogia, no longo capitulo em que trata da “ dignidade e funções do preceptor ”, diz que aquelle que exerce uma profissão ordinaria, não trabalha senão para si, pelos beneficios que espera tirar do seu labor ; se é, ou não, feliz, só elle lucra com o bom êxito ou soffre com sua inaptidão ou negligencia, outro tanto não acontecendo com o preceptor.

Cita, depois, a respeito, as palavras de Platão, illustre sabio da antiguidade : — « Se o vosso sapateiro for máu artífice e vos

fizer máu calçado, ou se disser sapateiro sem o ser, não soffreis com isso grande damno ; mas se os professores de vossos filhos só o forem de nome, causarão a ruina da vossa familia.

As difficuldades encontradas nas classes, devem ser trazidas para o seio das reuniões onde serão estudadas e commentadas, devendo ficar estabelecido um meio seguro para unificar e impulsionar o ensino, pois que, os principios e os meios que presidem a educação, de pouco ou nada servirão, se quem tiver de pô-los em acção não estiver sufficientemente preparado.

O que não podemos furtar ao desejo de asseverar é que o resultado dessas conferencias não pode deixar de ser satisfactorio e proveitoso, quer com relação á somma de conhecimentos e instrucção de que podesse ser abastecido o cabedal scientifico dos professores, quer no que toca ao ponto de vista da felicidade e do bem estar geral das crianças, pela adopção dos melhores métodos de educação physica, moral e intellectual.

Não é possivel deixar de ser real e proveitoso, dissemos e repetimos, o resultado das alludidas conferencias escolares, si alliadas a um bem visivel interesse do director e professores, os themas forem attentiosamente commentados, si os assumptos instructivos das XXV palestras foram sufficientemente estudados, esclarecidos, interpretados e, como consequencia, immediatamente applicados pelos professores no ensino de suas classes.

A educação, — disse Carlos Rolin, — é uma senhora doce e insinuante, inimiga da violencia e da pressão, que só gosta de agir pelo caminho da persuasão, que se dedica a fazer penetrar na alma os ensinamentos que traduzem a razão e a verdade.

Poderão nos interpellar : — « Mas que fizeram os professores nas aulas de pedagogia e pratica de ensino nas escolas normaes ? »

Responderemos com as palavras de Spencer.

« Si quereis applicar com resultado um systema racional e civilisado, é preciso attender a uma grande despeza de trabalho intellectual ; é preciso estudo, intelligencia e imperio sobre si mesmo.

Diariamente vos será preciso analysar os motivos da conducta da criança, distinguir entre as acções verdadeiramente boas, as que paracem sel-o. No ponto de vista intellectual tendes a estudar, para attingir, o bem, este assumpto, que é o mais complexo de todos. »

E accrescentaremos mais estas :

Jovens professores que *debutaes* agora na vossa carreira, não vos deixeis seduzir por illusões que vós exporiam a amargas decepções e que só vos trariam desgostos. Enganar-vos-eis redondamente si pensardes que, uma vez nomeados para uma escola, nada tendes mais a conhecer. .



Demais, quem é que nesta profissão pode vangloriar-se de não ter mais nada a aprender?

Diz Parker que ha tres classes de professores: a uma pertencem os vaidosos que se julgam os unicos possuidores da sciencia educativa; a outra, pertencem os que nada estudando nem analysando, tudo vão apanhando e a outra classe de professores pertencem os refractarios aos processos novos que surgem; limitam-se ao pouco que sabem sem mais nada quererem examinar.

Nós não pertencemos a essas classes de professores.

Estamos alistados no regimento daquelles que desejam acompanhar o progresso da sciencias e o evoluir das artes. Pertencemos ao pelotão daquelles que não dispensam o concurso das luzes e que vivem ávidos dos segredos da sabedoria.

A sciencia pedagógica não é uma sciencia solitaria disse Rousselot. «*Se os esforços de todos são empregados em commum, a luz jorra do encontro das idéas e a força, do encontro das coragens*».

Não chegaremos a ser genios como tantos illustres que são e foram, mas todos nós, a custa dos nossos esforços podemos adquirir conhecimento bastante que nos permittam sermos patriotas dignos da affeição dos discipulos, da estima dos pais e dos suffragios desta sociedade que tem de sentir o effeito bom ou mau do nosso trabalho.

«A Directoria Geral da Instrucção Publica, a cargo do illustre Professor Dr. João Chrisóstomo Bueno dos Reis Junior, teve fins muito elevados tornando-se mais uma vez, credora dos nossos humildes applausos, instituiu nos grupos escolares as conferencias de que vimos tratando.

Dentro dos primeiros dias uteis de cada mez, na Directoria da Instrucção, reúnem-se os inspectores escolares estaduaes para o fim de apresentarem o resultado de suas inspecções.

Oxalá houvesse tambem as reuniões dos directores de grupos escolares, como em tempo se tentou fazer, periodicamente, para o fim de serem ventiladas questões de interesse geral desses estabelecimentos.

Ficaria, então, completo o grande certamem do concurso e da troca das ideias: o ensino tenderia a uniformizar-se e os responsaveis pela inspecção teriam oportunidade de sobejo para aquilatar do criterio dos directores, ficando possuidores das bases necessarias para fazerem um cálculo seguro da direcção impulsada nos grupos escolares.

São estas as pállidas e despretenciosas considerações que, na qualidade de apreciador entusiasta das «palestras pedagógicas» me julgo no direito de aqui deixar exaradas, considerações para as quaes supplico a benevolencia desse digno Secretario.

## Instrucções práticas para o ensino da leitura pelo Método Analytico

Expedidas pela Directoria Geral do Ensino

### MODELÒS DE LIÇÕES

MARIANO DE OLIVEIRA  
RAMON ROCA DORDAL  
ARNALDO BARRETO

#### 1.º PASSO

Provocar, em palestras, a observação dos alumnos sobre um objecto ou estampa qualquer, levando-os a enunciarem sentenças (cinco ou seis, nas primeiras lições) relacionadas umas com as outras, de modo que o objecto lógico de uma seja empregado como sujeito da sentença immediata, formando o todo uma pequena história descriptiva do objecto ou estampa que sirva de assumpto da lição. Deve-se esforçar para que as sentenças correspondam á natural vivacidade do espirito infantil. Demais, é preciso ter-se em vista os dois fins da educação: o disciplinar e o instructivo. Sob o aspecto disciplinar, cada disciplina (como a propria palavra o está significando) tem por objecto, além de treinar-lhe as faculdades mentaes, acostumar o alumno a observar, a raciocinar, e a exprimir com clareza as suas idéas. E é isto da máxima importancia, porque, tão estreitamente se enlaçam a JUSTA OBSERVAÇÃO COM O RACIOCINIO EXACTO e o exacto raciocinio com a EXPRESSÃO CLARA, que é impossivel traçar a linha de separação entre essas tres coisas. Sob o aspecto instructivo, propriamente dito, o objecto do ensino da leitura é fornecer á criança um instrumento poderoso de aquisição de idéas e pensamentos. Por isso mesmo, é mister que a habituem a ler, na palavra, ou na sentença, não as syllabas ou letras de que ellas se fórmam, mas a idéa e os pensamentos que encerram. E, para se attingir a esse objectivo, isto é, formar esse hábito intellectual, só ha um caminho a seguir: é fazer a criança ler, primeiro, OS SEUS PROPRIOS PENSAMENTOS; depois, á proporção do desenvolvimento do seu espirito de analyse, provocado pelos PASSOS aqui determinados, ler OS PENSAMENTOS ALHEIOS. Cada objecto ou estampa pode produzir quatro ou cinco lições. Todas as lições devem ser dadas no quadro negro, e escriptas em letras de carácter manuscripto vertical. Ex.



1.<sup>a</sup> LIÇÃO

Eu vejo uma menina.  
 Esta menina chama-se Maria.  
 Maria tem uma boneca.  
 A boneca está no colo de Maria.  
 Maria está beijando a boneca.

OBSERVAÇÃO: — Conseguidas as sentenças, é necessário que o professor, dando a parte mais activa aos alumnos, recapitule as perguntas que produziram as sentenças, e vá sublinhando as frases de cada uma, ao mesmo tempo que as numera. Evite-se a geminação de letras.

## RESULTADO:

1. = Eu vejo uma menina.
2. = A menina chama-se Maria.
3. = Maria tem uma boneca.
4. = A boneca está no colo de  
Maria.
5. = Maria está beijando a boneca

OBSERVAÇÃO: — Mande-se ler a história de cima para baixo e vice-versa; depois, saltadamente. Mande-se repetir o todo sem que o leitor olhe para o quadro negro.



**2.<sup>a</sup> LIÇÃO** (com a mesma estampa)

- 1.—Esta menina é a Maria.
- 2.—Maria tem uma boneca.
- 3.—?Vocês estão vendo a boneca?
- 4.—A boneca está no còlo de Maria.
- 5.—!Olhem onde está Maria!
- 6.—Maria está sentada no tapete.

OBSERVAÇÃO : — Seguir nesta, como nas demais, os mesmos processos usados na primeira lição. Nas sentenças interrogativas e exclamativas usem o ponto de interrogação e o de exclamação no começo e no fim da sentença.

**3.<sup>a</sup> LIÇÃO** (com a mesma estampa)

- 1.—Vocês conhecem esta menina?
- 2.—Esta menina é a Maria.
- 3.—Maria está beijando uma boneca.
- 4.—!Olhem onde está a boneca!
- 5.—A boneca está no còlo de Maria.
- 6.—A boneca de Maria chama-se Lucia.
- 7.—!Que linda boneca é a Lucia!

**4.<sup>a</sup> LIÇÃO** (com a mesma estampa)

- 1.—Maria tem uma boneca.
- 2.—A boneca de Maria chama-se Lucia.
- 3.—E' uma boneca de cêra.
- 4.—!E' uma linda boneca!
- 5.—?Você também tem uma boneca?
- 6.—!Olhe para os cabelos de Lucia!

- 7.—Os cabelos de Lucia são compridos.
- 8.—Nos cabelos de Lucia está uma fita.
- 9.—?Vocês estão vendo a fita?
- 10.—A fita é azul.

**2.<sup>o</sup> PASSO**

Depois de compôr a historietta (no decimo objecto ou estampa usada como assumpto da lição) escrevem-se algumas das suas sentenças em columna vertical, mandando ler aos alumnos nessa nova disposição. Ex :

- 1.— Maria tem uma boneca.
- 2.—Chama-se Lucia.
- 3.—!Olhem onde está Lucia!
- 4.—Lucia está no còlo de Maria.
- 5.—?Vocês estão vendo Maria?
- 6.—Maria está sentada no tapete.
- 7.—Maria está beijando a Lucia.
- 8.—!Lucia é uma linda boneca!
- 9.—!Vejam que lindos cabelos ella tem!
- 10.—Ella tem os cabelos compridos.

Maria	Lucia	?Vocês	Maria
tem	está	estão	está
uma	no	vendo	sentada
boneca	còlo	Maria?	no
	de		tapete
	Maria		

OBSERVAÇÃO : — Com estas palavras poderão ser formadas outras muitas sentenças novas. Ex :

Maria está beijando Lucia.  
 ? Lucia está sentada no còlo de Maria?  
 Maria é uma linda menina, etc.

OBSERVAÇÃO : — E' necessario que o professor prepare estas lições com antecedencia, afim de não hesitar na composição das novas sentenças.



## 3.º PASSO

Depois que os alumnos souberem distinguir um certo número de palavras, dominando-as completamente, as lições seguintes deverão constar do 1.º passo e do 2.º, ampliados do 3.º; ex. Suppondo-se que foram compostas as seguintes sentenças:

- 1.—Maria tem uma boneca
- 2.—!E' uma linda boneca!
- 3.—Ella está no côlo de Maria.
- 4.—Maria está sentada no tapete, etc.

escrevem-se algumas (2.º passo) em sentido vertical, mandando enunciar cada palavra vagarosamente, indagando dos alumnos em quantas vezes as proferem e com que syllaba cada uma começa. Ex.

<i>Maria</i>  <i>tem</i>  <i>uma</i>  <i>boneca</i>  <i>Maria</i>  <i>está</i>  <i>sentada</i>  <i>no</i>  <i>tapete</i>	Resposta: Maria — diz-se em tres vezes, e começa por <i>ma</i>  tem — diz-se em uma só vez.  uma — diz-se em duas vezes, e começa por <i>u</i>  boneca — diz-se em tres vezes, e começa por <i>bo</i>  está — diz-se em duas vezes e começa por <i>es</i>  sentada — diz-se em tres vezes e começa por <i>sen</i>  no — diz-se em uma só vez.  tapete — diz-se em tres vezes, e começa por <i>ta</i> .
--	--

OBSERVAÇÃO: — Como é na ordem clássica do alphabeto que se devem estudar os sons syllábicos, é conveniente iniciar o conhecimento das syllabas com *b*. Assim, a palavra esco-

lhida nesta lição deverá ser *boneca*. Na lição subsequente escolher-se-á o substantivo, cuja primeira syllaba seja composta com a letra *e*; noutra, com a letra *d*, etc.

Destacando-se, pois, da columna, a palavra boneca, cuja syllaba inicial deverá ser feita a giz de côr, dever-se-á ir mostrando objectos de nomes começados por *bo*, escrevendo-os em columna, á proporção que forem sendo enunciados.

## RESULTADO:

Maria	boneca	botina
tem	boca	bolacha
uma	bola	bochecha
boneca	bota	
	botão	

OBSERVAÇÃO: — Com as novas palavras formem-se sentenças e historiêtas de collaboração com os alumnos.

## 4.º PASSO

Depois de estudadas todas as consoantes, amplie-se a lição com o 4.º passo.

Até o 3.º passo os alumnos leram seus proprios pensamentos. O 4.º passo é o preparo para lerem pensamentos de outrem.

Modelo da lição: vide 1.º passo e o 2.º. Ex:

- 1.—Maria tem uma boneca.
- 2.—Chama-se Lucia.
- 3.—Ella está no côlo de Maria.
- 4.—!Lucia é uma bonita boneca!
- 5.—!Olhem para os seus cabelos!
- 6.—Seus cabelos são compridos.
- 7.—?Vocês estão vendo Maria?
- 8.—Maria está sentada no tapete

Lucia	Seus	Maria		
é	cabelos	está	cabelo	boneca
uma	são	sentada	camelo	bonita
bonita	compridos	no	cavalo	bolacha
boneca		tapete	canela	botina



Com duas, tres ou quatro palavras da nova lista, forme-se um quadro, de modo a ficar cada uma dellas separada em suas syllabas. Com o ponteiro aponte-se para as syllabas, formando novas palavras, que devem ser collocadas em columnas, e classificadas de accordo com o som inicial. Formem-se sentenças com algumas dessas palavras. Ex: Sejam as escolhidas as palavras — BONECA, TAPETE e CABELO, que serão dispostas assim:

ba	ne	ca
ta	pe	te
ca	be	la

novas palavras formadas:

bota	cabo	lote	neta	pelo
boca	cata	lobo		peta
boné	calo			peteca
bote	caneca			pelote
bolo	caneta			
belo	calote			
bebo	cabeça			

OBSERVAÇÃO: — Tenha-se cuidado nestes exercicios, afim de não provocar os defeitos na leitura, que produzem os métodos de syllabação. Mande se que os alumnos copiem ou formem essas palavras com os cartões de letras impressas.

## 5.º PASSO

OBSERVAÇÃO: — Conhecimento dos sons consonantae pelas palavras rimadas. Ex:

ala	cão	bola	
mala	mão	cola	ama
sala	não	sola	dama
cala	pão	mola	chama
rala	tão	rola	cama
bala	são		lama
fala	dão		etc.

Confrontem-se dous e tres vocábulos semelhantes, apresentando apenas diferenças de uma ou mais letras, quer no começo, quer no meio, quer no fim. Ex:

janela	pato	gato	pata
canela	prato	gasto	pasta
panela	grato	gosto	prata
flanela	gralha	gosta	preto
gamela	grama		etc.

Terminados estes exercicios, que devem occupar o professor durante quatro mezes, passe-se para o *Meu Livro* ou outro qualquer, compondo se com os alumnos, como se fez no 1.º passo, cada lição pela estampa respectiva, e intercalando-se na historieta todas as sentenças impressas do livro.

Mas, ainda ahi é necessario recorrer aos diversos passos anteriores, não já systematicamente, mas quando qualquer delles se manifestar opportuno para mais firmeza da leitura.

Tambem não é mister seguir lição por lição as que conti-verem o livro empregado, e sim sómente aquellas cujas estam-pas se mostrarem mais suggestivas.

Quando faltarem dois mezes para finalizar o anno escolar, deve-se adoptar francamente um Primeiro Livro de Leitura.

OBSERVAÇÃO: — Quer neste livro, porém, como no Segundo, não se deve abandonar, embora fazendo-a comedidamente, a analyse das palavras, de accordo com os passos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º do processo adoptado nestas instrucções.

O ensino da escripta, já porque auxilia poderosamente o da leitura, já porque exige da parte do alumno um esforço



eminentemente educativo, deve caminhar paralelamente ao da leitura.

Assim, desde a primeira lição de leitura os alumnos devem copiar uma das sentenças que aquella encerra.

Quando os alumnos conseguirem, nas suas cópias, dar ás letras uma forma bem definida, é conveniente revesar a professora taes exercicios com os dos cadernos 1.º e 2.º da Série Paulista, letra vertical.

OBSERVAÇÃO: — E' imprescindivel que a professora adquira, por sua vez, uma letra vertical correcta, por isso que o modelo escripto por ella no quadro negro é o que mais impressiona á criança.

Conferencia realizada pelo professor João Lourenço Rodrigues, por occasião da inauguração do grupo escolar de Pedreira

*Meus senhores e minhas senhoras*

Em começo deste anno, o operoso collega a quem o Governo em boa hora confiou a direcção do grupo Escolar de Pedreira, convidou-me a vir realizar aqui uma conferencia sobre o ensino moderno.

Este convite, que envolvia um rasgo de captivante gentileza, deixou-me numa grande perplexidade.

Uma conferencia pedagogica, dizia eu a mim proprio, o mais que póde fazer é suggerir algumas idéas; mas para que essas idéas germinem, tomem corpo, fructifiquem, é indispensavel o entusiasmo dos professores, o apoio do meio social, o bafejo da alta administração.

Ora, continuava eu, podemos nós por ventura contar com essa triplíce condição de successo, quando vemos a classe do professorado relegada na penumbra de um plano inferior, mourejando no meio da indiferença geral, sem animação por parte dos poderes públicos, vencendo estipendios irrisorios numa época de vida caríssima, o que equivale a dizer sem compensação no presente, sem garantias no futuro?

Mas, a este movimento de dúvida succedeu a breve trecho um impulso de calorosa sympathia para com a corporação docente que trabalha nesta casa, para com os collegas esforçados e abnegados que, no meio do desalento geral, desfraldam corajosamente a bandeira do ideal, que não se apercebem das agruras da hora presente, porque têm os olhos inteiramente voltados para as perspectivas distantes do porvir.

Como recusar, nestas circumstancias, o concurso da minha palavra?

Para me recusar, fôra preciso motivar a recusa; para motivar a recusa fôra preciso deixar transparecer um scepticismo enervador, proceder segundo as normas reprovadas pelo Evangelho, dando pedra a quem pedía pão, dando a serpente, symbolo do veneno, em lugar do peixe, symbolo do alimento.

Senti-me sem coragem para essa recusa, porque me acudiram á mente estas palavras lapidares do eminente brasileiro Ruy Barboza: «Purifica o teu hálito, porque podes insufflar a vida ou a morte». Cedi, portanto.

Deixai, porém, que eu vos faça agora uma confissão sincera. Houve uma circumstancia que influiu poderosamente no meu espirito ao tomar a deliberação que tomei. Foi a infor-



mação de que os meus antigos discipulos do Amparo tambem se empenhavam fortemente pela minha vinda. Sim, cedi sobretudo ante a perspectiva encantadora de ver, ainda uma vez, reunidos em torno de mim, esses meus primeiros filhos espirituaes; quiz ter a illusão, embora ephemera, da sua convivencia, dos dias felizes que passei junto delles; quiz exhumar a mocidade consumida no trabalho honesto e cujas reminiscencias guardo com carinho, affecto e inexprimivel saudade.

Aqui estou, pois, meus prezados collegas de Pedreira, meus carissimos discipulos do Amparo. Venho vêr-vos, venho satisfazer ao vosso amistoso appello, dirigindo-vos a palavra.

Ao erguer-me, porém, nesta tribuna, quasi me arrependo de ter vindo. Vejo em torno de mim um auditorio selecto, esclarecido e, ai de mim! não posso brindal-o com os primores de uma peça litteraria.

Simple professor de mathematica, minha imaginação não tem vôos; trago-vos, não a eloquencia que arrebatava, mas uma palavra simples e desataviada. Uma cousa posso garantir-vos: essa palavra está ao serviço de um coração ardoroso e sincero e esse coração vota uma sympathia profunda, um reconhecimento sem limites á população desta zona, onde comecei a minha carreira, onde encontrei amigos dos mais dedicados, onde fui feliz daquella felicidade que se grangeia pelo trabalho. Sêde, pois, ainda uma vez indulgentes, muito indulgentes para comigo.

Qual será, pois, o assumpto desta palestra? Qual o thema que me proponho a desenvolver perante vós?

Meus caros collegas — Ha muito que se formou em meu espirito esta convicção: as conferências públicas, qualquer que seja o assumpto nellas versado, são inteiramente inuteis, tristemente estéreis, quando se confinam na pura região das idéas, quando não se inspiram nas realidades tangiveis do viver quotidiano, quando o conferencista não procura canalisar as suas considerações para o terreno da acção e das applicações práticas.

Antes de traçar o plano desta palestra, eu quiz perscrutar quaes são na actualidade, na época que atravessamos, as disposições, os sentimentos, as tendencias mais caracteristicas do professorado público paulista. Não me foi necessario grande esforço para effectuar esse inquerito: o sentimento dominante na classe é o de um grande desalento. E' um facto que salta aos olhos de todos.

Ha quem sustente que esse desânimo tem como razão exclusiva a baixa dos vencimentos, a clamorosa injustiça dos nossos legisladores, que havendo restabelecido, e até augmentado, para os demais funcionarios, as antigas tabellas de vencimentos, mantiveram para os professores exclusivamente o corte

iniquo de 15 %, fingindo não perceber que os vencimentos actuaes são incompativeis até mesmo com o decoro que a classe precisa manter, em virtude da sua posição social.

Não pretendo indagar até que ponto é aceitavel esta explicação, até que ponto são justas as recriminações do professorado a este respeito.

Não quero que se nos malsine de mercenarios, embora pudéssemos retorquir que temos tanto direito como as outras classes de reclamar contra as injustiças e pugnar pelos nossos interesses, porque vai nisso o cumprimento de um dever para com as nossas familias.

Outros vão buscar as causas do desânimo actual do professorado em pretendidas injustiças a que é levada a alta administração, sob a pressão das conveniencias politicas.

Abster-me-ei tambem de analyser esta hypóthese. Parece-me que, tudo bem pesado, S. Paulo é o Estado onde a politica tem menos ascendente para impedir que o verdadeiro mérito seja premiado. Notarei ainda uma circumstancia: si a politica entra por vezes como elemento perturbador nas cousas da instrucção, pelo que respeita á carreira dos professores, muitos dos que hoje declamam contra ella, já appellaram para os seus expedientes quando, em vez de pleitear a sua collocação ou o seu accesso pela porta larga do proprio mérito, preferiram fazê-lo pela porta escusa do empenho politico, hypothecando a sua independencia de homem livre, sinão sua propria dignidade.

Importa reconhecermos, meus senhores, que para o desânimo actual da classe muito têm contribuido os ataques de que ella tem sido ultimamente alvo, por parte de uma certa imprensa, cuja má vontade para conosco é patente. O ascendente da letra redonda é irresistivel, no meio em que vivemos. Fazemos muitas vezes depender o nosso nome e o nosso mérito, não daquillo que está gravado em nossa propria consciencia, mas daquillo que aos jornaes apraz dizer a nosso respeito. Falta-nos o sentimento nitido daquillo que somos, daquillo que merecemos, daquillo que valemos. E' um attestado de inferioridade; é uma disposição mórbida de espirito; é uma fraqueza e uma capitulação contra a qual precisamos reagir.

Aprumemo-nos altivamente e indaguemos porque nos atacam. Veremos em certos jornaes uma pobreza absoluta de lógica, que quer concluir do particular para o geral; veremos em outros o desabafo de um despeito longamente comprimido, á vista da consideração conquistada pelos professores paulistas através de longos annos de trabalho assiduo e fecundo; veremos nos seus ataques, nas suas objurgatorias inflammadas a preocupação de armar ao effeito, o prurido de chamar a attenção do público; veremos a especulação torpe explorando com



os seus títulos e sub-títulos farfalhantes a fome de escândalo que é o característico do poviléo; veremos finalmente as manifestações daquela critica negativista que, nada tendo realizado de bom, de prestadio, só se compraz em demolir o que os outros construíram. Sim, elles querem demolir, porque, nada tendo feito pela elevação da nossa classe, nada têm a perder com o seu desprestigio.

São demolidores e demolidores de má fé, porque, tratando-se de casos similares, usam de dois pesos e duas medidas; num caso atacam com uma violencia apaixonada, de verdadeiros energúmenos; no outro vêm apenas uma calúmia e tomam o papel de defensores gratuitos...

Jornalistas deste quilate são vendilhões, são traidores da causa civilisadora da imprensa!

Aprumemo-nos diante delles, repito, porque para saber o que elles valem bastará considerar os processos de que se servem.

E todavia, meus senhores, ha professores que se calam como que envergonhados diante desses ataques. Não faz muito tempo que eu ouvi, verdadeiramente attónico, esta queixa de um collega nosso: — Si eu pudesse adivinhar que a classe do professorado havia de ficar tão desprestigiada, jamais teria entrado para ella.

Senhores! Tive vontade de lhe atirar em rosto, naquelle instante, o epitheto de covarde e traidor!

De caracteres desta tèmpera nada temos a esperar. São mercenários que buscaram o magisterio como uma carreira, que nada farão para augmentar o patrimonio de suas glorias, que vegetarão no seio da massa amorpha, sem calor, sem enthusiasmo e que nos abandonarão na hora da provação e do perigo.

E eis, senhores professores de Pedreira porque é que eu acudi ao vosso appello. Conquistastes a minha sympathia, porque o vosso gesto nobre é um protesto contra o desânimo geral.

Proclamaís, com a vossa attitude, que vedes no magisterio, não uma simples carreira, mas um apostolado, um sacerdocio. Tendes certamente gravadas no coração e na mente aquellas palavras de Ruy Barboza, a mais bella cerebração da nossa patria: — «Depois da prece, a suprema santificação da linguagem humana está no ensino da mocidade. O lavrador deste chão devia amanhã-lo de joelhos.»

Sabeis o que falta aos desanimados?

Falta-lhes vocação; falta-lhes amor pela profissão; falta-lhes enthusiasmo. Enthusiasmo, sim. O enthusiasmo é a vara mágica que, em pleno deserto, faz brotar de um penhaseo estéril a fonte refrigerante e cristalina; o enthusiasmo é a flauta harmoniosa de Orphêo, a cujos sons as proprias pedras se ani-

mam e as flores se convertem em creaturas aladas; o enthusiasmo é o elixir revigorador que enriquece o sangue e estimula as energias vitales; o enthusiasmo é aquella força que transfigura os apóstolos dando uezção á sua voz, força irresistivel ao seu verbo; o enthusiasmo é aquella virtude indispensavel ao educador digno deste nome, que toma como modelo o Divino Mestre, todo ternura, todo amor para as crianças.

E' possivel que alguém me accuse de estar declamando. E' possivel que alguém insinue que é facil aconselhar aos outros enthusiasmo e abnegação, quando se occupa uma posição de destaque no magisterio official, quando se tem a felicidade de possuir a estima dos seus pares, quando se tem o futuro mais ou menos assegurado para uma boa aposentadoria.

Doa-vos a minha palavra de que não estou declamando. A minha linguagem foi sempre esta como poderão attestar os meus discipulos do Amparo, presentes a esta solennidade.

Permitti que eu vos refira alguns episodios do começo de minha carreira: si nelles tendes pouco que aprender, tendes em compensação muita cousa de molde a vos animar.

Comecei a carreira numa escola modestissima, numa cidade rica, florescente, mas onde, em materia de ensino official, estava tudo por fazer. Permitti, senhores, que eu recorde alguns dos episodios mais expressivos de minha vida de educador nessa phase.

Fui para o Amparo em principios de 1892, em companhia de minha esposa, tambem professora. O material de nossas escolas cifrava-se na alguns bancos archaicos, numa mesa e uma cadeira dignas de um museu histórico, num punhado de livros didácticos antiquados, descorados, em parte devastados pelas traças.

Como differia daquillo que eu havia architectado em minha imaginação de moço, quando estudante da Escola Normal; quão distante estava daquella escola ideal que as lições do lente de Pedagogia nos apresentavam como paradigma; que abysmo entre o ideal sonhado e a realidade attingida!

Recorri ás autoridades escolares e nada obtive. Appellar para os pais de familia seria inutil: eu não passava de um desconhecido e o meu titulo de professor não era então cousa que desse jus a grande deferencia.

Appellei, pois, para o meu proprio trabalho, appellei para a justiça incorruptivel do futuro.

Tinha felizmente, para me consolar, uma plêiade garbosa de alumnos, e empenhei-me desde logo para fazer de cada um delles um discipulo.

Jamais poderei esquecer-los. Seus nomes estão indelevelmente gravados no meu coração. A matricula abria-se com o nome de tres irmãos: — Juvenal, Armando e João Gonçalves



da Silva. O Armando revelou-se desde os primeiros dias uma intelligencia lúcida, aliada a um carácter reflectido: era a experiencia de um velho encarnada no corpo franzino de um rapazito; os outros dois, sem terem o talento do irmão, eram seus émulos nos dotes do coração, na constante docilidade, na delicadeza nunca desmentida. Não lhes ficavam atraz em comportamento os irmãos Barbosa, Gabriel, Rodolpho e Vicente, filhos do velho republicano Ananias Barbosa; os irmãos Rossi, os irmãos Ribeiro, os irmãos Bruschini. A esses grupos de irmãos seguia-se um novo grupo constituido por dois alumnos: eram Frederico Domingues e Durval de Toledo. Não eram irmãos pelo sangue, mas pelo temperamento irrequieto. Joviaes como os graúnas que despertam aos primeiros alvares da madrugada, eram a alegria da escola. O recreio, quando elles faltavam, não tinha vida. Felizmente as faltas eram raras, porque um e outro tinham grande apego á escola.

A estes juntaram-se mais tarde outros — Amadeu Carneiro e Brasílio Carneiro, hoje officiaes do nosso exército; João Mendes do Amaral e Brasílio Gonçalves, hoje lavradores abastados no municipio de Amparo. O menor de todos, o Benjamin da classe, era o Natal Pertoni. Mas dentre todos elles o que mais se distinguiu pela rapidez com que aprendeu a lêr, foi o Benedicto Ferreira. Franzino, doentio, timido em extremo, revelou desde o começo uma applicação fóra do commum, um desejo insaciavel de aprender, uma sisudez que prenunciava um bello carácter. A este pregou-lhe o destino uma bôa peça. Nos tempos da escola, elle estudava até na hora do recreio, fechando hermeticamente os ouvidos ás facécias dos collegas. Hoje sempre amigo dos livros, elle vê-se forçado a fecha-los de instante a instante, porque chefe zeloso de uma repartição telephônica, tem de attender aos appellos que lhe chegam de toda a parte.

A escola funcionou a principio num grande salão do extincto Club 3 de Maio, mas dahi foi transferida, no fim de alguns meses, para a Rua Anna Cintra, numa casa que ficava próxima á ponte do rio Camandocaia.

A' hora do recreio, nos dias de bom tempo, os alumnos eram conduzidos para os lados da tradicional Biquinha, á beira da estrada de ferro. Essa hora era positivamente uma hora de festa. O Armando — o *primus inter-pares* da classe, e o Hermenegildo, seu digno émulo, eram então desbancados pelo Frederico Domingues e o Durval de Toledo, o *bahiano damnado*, como elle a si proprio qualificava. Mas não só entre folguedos corria o tempo. Brincava-se, mas estudava-se tambem, estudava-se com ardor e emulação.

Lembra-me até hoje a emoção do meu primeiro exame. Apprehensivo pela aproximação desta documentação pública do

meu trabalho, recorri na véspera á experiencia de uma antiga collega, solicitando algumas indicações.

Ella esforçou-se por animar-me, mas, a despeito disso, voltei para a casa apprehensivo e passei mal a noite.

Felizmente no dia seguinte os exames se realisaram a contento geral dos membros da banca examinadora. Foi esse o meu primeiro triumpho, e eu difficilmente o trocaria por muitos dos successos que se lhe seguiram, si a minha modéstia fosse capaz de os prever então.

Mas, onde iriamos nós, meus senhores e minhas senhoras, si eu quizesse alongar-me nesta reconstituição do passado, aliás tão grata ao meu coração? Onde iria si fosse citar os nomes e traçar os perfis de todos os meus discípulos de então? Elles ahi estão, felizmente, e vós os conheceis quanto baste para saber que têm sabido honrar a escola onde se prepararam para a vida, e o mestre feliz a quem foi dada a tarefa de arrancar á ganga amorpha dos seus cerebros juvenis os diamantes fúlgidos de suas intelligencias.

Alguns delles formam hoje com honra nas fileiras do professorado; outros, pertencem ao exército e ostentam nos hombros as dragonas de official; dois ou tres são tabelliães; outros são pharmacêuticos, commerciantes, lavradores, empregados de estrada de ferro, em summa, homens do trabalho, exemplares chefes de familia, cidadãos prestantes e honrados.

Muitos delles ainda vivem, mas alguns já descansam no seio de Deus. Um delles deixou a vida por um acto de heroismo. Chama-se Alberto de Paiva Vidual. Tombou exámine, varado por uma bala, para defender o pai, atacado por um ébrio, um tresloucado.

Eu quero aproveitar esta oportunidade para render a todos elles o preito sincero do meu reconhecimento. A elles devo eu, em grande parte, o successo da minha carreira, pois foram elles, até certo ponto, que orientaram o meu destino.

Outr'ora, no contacto diuturno com elles, eu tive constantemente o testemunho de sua filial affeição na attitude deferente, no sorriso bom com que me recebiam pela manha á entrada da escola; e nessa attitude e nesses sorrisos encontrei sempre o sufficiente para me retemperar das fadigas do labutar quotidiano. No fim de 4 annos, delles me separei para ir completar o curso da Escola Normal. Tenho gravada no espirito a scena dilacerante da despedida, na estação de Amparo. Quando o trem se poz em movimento, no meio dos soluços e das lágrimas desses amigos inegalaveis, o Dr. João Motta, que foi nosso companheiro de viagem até esta localidade, disse-nos em tom de amistosa recriminação.

— Ora ahi está! Vejam o que fizeram!



Fechado o período da nossa convivência, sua recordação ficou-me sempre como uma grata fonte de estímulos. Delles separado pela distancia, jamais o fui pelo coração. Novo *Ashaverus*, tendo exercido minha actividade em diversos pontos do Estado, continuei a receber em toda a parte, atravez de uma correspondencia, que jamais se interrompeu, as provas flagrantes de sua fidelidade, de sua constante dedicacão para commigo.

Tive dahi para cá successivas turmas de discipulos e felizmente em toda a parte tenho tido a minha passagem assignalada por um rastro de affeições.

Provam-n'o bem eloquentemente as palavras proferidas ha poucos dias na Escola Normal de Campinas, na festa de formatura dos professorandos deste anno, pelo representante da turma, cujo discurso foi reproduzido no *Correio Paulistano*.

Mas deixae que eu vos declare aqui com a effusão mais sincera dos meus sentimentos: os meus primeiros discipulos do Amparo tiveram, têm e hão de ter sempre um lugar distincto em meu coração de educador.

Meus caros collegas de Pedreira — Meus senhores. Perdoai-me se abusei de vossa benevolencia occupando por tanto tempo vossa attenção com estas reminiscencias de caracter pessoal. A ellas não fui levado por um sentimento de vaidade, que não está felizmente em minha indole. Illudi talvez vossa expectattva. Solicitado para fazer uma conferencia sobre o ensino moderno, limitei-me a um retrospecto da minha vida de professor. Assim procedi, meus senhores, porque entendi que uma exposiçãõ de processos technicos, por mais erudita que seja, é inutil ou é desnecessaria. E' inutil e não tem alcance pratico, não influe sobre a vida real, quando aquelles a quem se dirige não têm no peito a santa chamma do enthusiasmo pela carreira do magisterio. Si esse enthusiasmo existe, uma tal conferencia è de todo ponto desnecessaria, e é esse o vosso caso. Vós não tendes, meus caros collegas de Pedreira, vós não tendes a menor necessidade de conferencias pedagogicas para vos illustrardes, convencerdes e acalorardes.

Quem dellas precisa são os descrentes, são os desanimados. Eu me sentiria feliz si pudesse dirigir-me a todos elles, pois, rememorando como fiz, o começo de minha carreira, eu poderia talvez demonstrar-lhes, com factos em vez de argumentos, que o enthusiasmo é uma força poderosa, que uma vontade recta vence todos os obstáculos, que os espinhos da carreira se convertem em rosas quando trabalhamos com pura abnegacão, sacrificando o nosso futuro pelo futuro daquelles que serão a Patria de amanha.

Mas aquillo que não me é dado fazer com a minha pala-

vra, fazei-o vós com o vosso exemplo, porque o exemplo pôde mais que a palavra.

Continuai corajosamente a pregar contra o desânimo pelo enthusiasmo com que vindes apostolando.

Fugi do scepticismo, porque é elle o verdadeiro inspirador do desânimo, do desânimo que constitue um attestado de fraqueza, um signal evidente de decadencia, uma especie de suicidio moral.

Fugi do sceptismo pelo que diz respeito aos vossos alumnos: si ha ingratidões que constituem clamorosas injustiças, ha tambem reconhecimentos que confortam e retemperam a alma. Quereis uma prova? Tende-la inconcussa e brilhante no proceder dos meus antigos discipulos do Amparo, presentes a esta festa.

Fugi do scepticismo em relação aos collegas de magisterio e aos companheiros de trabalho. Recalcai os pequenos resentimentos inevitaveis em todos os contactos humanos, por amor á solidieriedade e á confraternidade que nos deve ligar a todos, fazendo de todos os membros da classe um só coração e uma só alma, com uma só aspiracão, um único ideal.

Fugi do scepticismo em relação aos superiores hierárchicos. O maior flagello desta época está no espirito de revolta, de desobediencia; esse é o verme roedor, que, carcomendo a pouco e pouco, insidiosamente, os alicerces da ordem, da hierarchia social, nos vai arrastando rapidamente para a anarchia.

Não vos esqueçais de que, prestigiando vossos superiores, prestigiareis a instituiçãõ em cujo seio trabalhais e portanto prestigiareis indirectamente a vós mesmos. Atacam-nos de fóra.

Levantai a frente com altivez; respondi aos ataques com o trabalho honesto, confiando na justiça que desce do Altic.

Abeberai-vos de optimismo.

As grandes idéas, os empreendimentos mais generosos da humanidade desabrocharam sempre na alma da mocidade, vós o sabeis. E porque? E' porque os moços são optimistas.

Não percamos o tempo considerando as regalias que poderiamos ter alcançado, seguindo esta ou aquella carreira.

Essas considerações são inuteis, porque são seródias, são nocivas porque são debilitantes; são perigosas porque dão aos nossos gratuitos detractores a impressãõ de um espirito mercenario.

Façamos como aquelle aventureiro hespanhol que, aportando ás plagas do Novo Mundo, arrastado pela ambiçãõ, pela sede da conquista, a primeira cousa que fez foi deitar fogo ás náus em que havia realisado a travessia do Atlântico.

Por essa fórmula cortava elle aos hespanhoes toda a esperança de regresso, collocando-os na dura alternativa de vencer ou morrer.



Pois bem, meus collegas! — si, como diz J. Balmes, á ousadia de Fernão Cortez deve a Hespanha a conquista de uma das regiões mais ricas do globo, sejamos nós também ousados.

Não vivamos parasitariamente das glorias dos nossos predecessores.

Seja nossa maior ambição opulentar mais e mais o patrimonio de glorias da nossa classe.

Das columnas do *Estado* transcrevemos o bello discurso — *A Leitura* — proferido pelo notavel professor Lavissee, dirigindo-se ás crianças da escola de Nouvion, por occasião do recente encerramento do anno escolar.

Não é a primeira vez que estas paginas são abrilhantadas com os bellos conceitos do eminente professor.

Esse trabalho patenteia bem claramente a grande importancia da escola primaria e o seu valor educativo.

Exercendo um apostolado brilhante e rico de ensinamentos, Lavissee deixa de ser um mestre para ser um benemérito.

Que exemplo mais frisante do quanto podem a dedicação e o entusiasmo pela escola primaria poderíamos apresentar aos nossos leitores?

O professorado, consciante de seu grande poder, bem pôde, inspirado nesses brilhantes tópicos, conquistar para si a gloria de ser o mais poderoso elemento de progresso social.

Que as palavras de Lavissee sejam ponderadas como merecem, e seus conselhos acceitos pela mocidade estudiosa de nossa terra, identificando com ellas seu espirito, pautando por ellas sua conducta:

## A Leitura

«Meus caros meninos — Receio bem que entre aquelles de vós, que vão deixar a escola, alguns existam que pensem intimamente: «Basta de lições! Basta de exercicios! Basta de cadernos! Basta de livros! Tudo está terminado!» E' a esses que eu dirijo estas palavras; quizera desengana-los: «Por modo nenhum, meus amiguinhos! Não é assim, é preciso que nem tudo esteja acabado!»

O tempo escolar é muito curto para que, durante elle, se possa instruir um homem de hoje; é necessario, portanto, que continueis a vossa instrucção. — Como, talvez me objecteis, se somos obrigados a trabalhar para aprender a ganhar a nossa

vida? Bem o sei, e bem desejo acredita-lo, que todos os francezes passem a sua existencia como as pessoas da minha profissão, a ler e escrever, sentados numa cadeira. Ides ver que só reclamo de vós o que vos será facil realizar, seja qual fôr o officio que escolherdes.

Em França, na maioria das communas, as escolas proporcionam aos seus antigos alumnos cursos para adultos. Nas cidades, com uma boa vontade, confusa ainda e mal provida de meios de acção, as municipalidades e sociedades organizam a educação post-escolar. Ouvintes de todas as edades, concluida a faina diaria, encham as salas e os cursos.—Uma noite, em Pariz, numa escola do bairro de Montrouge, eu estava sentado junto de um rapaz de quinze a dezeseis annos; era com esforço que elle mantinha abertos os seus olhos que, havendo despertado pela madrugada, piscavam á luz do gaz, e por momentos se fechavam; reabriu-os, olhava-me sorrindo, dava de hombros, recomeçava a escutar um estudante da Sorbonna que, a mão sobre um mappa da parede, explicava a Africa ao seu auditorio. Operarios de idade madura, e alguns velhos mesmo, seguiam a lição com uma attenção tão religiosa que me admirou, e pensei: é um dever em verdade falar a pessoas que escutam tão bem.

Caros meninos, se encontrardes ao vosso alcance uma assistencia de educação post-escolar, não deixeis de recorrer a ella. Mas então não sereis discípulos; sereis pequenos homens em formação; preciso se tornará que não mais espereis dos vossos mestres toda a vossa educação e que aprendais a vos tornardes vossos proprios professores. Não imaginais quanto se pode por si, desde que se queira. Ninguem pôde tanto sobre vós quanto vós mesmos.

Primeiro, espero que guardareis os vossos livros.

Talvez não chegasseis a estimar os vossos livros, quando era necessario le-los, em lugar de brincar ou de contemplar o vôo divertido das moscas. Mas já não sois obrigados á leitura; lereis quando isso vos agradar e como vos agradar. Tempo virá, não mui distante, em que um dia, um domingo em que chova, vos ha de vir á lembrança de que taes paginas de tal livro vos deleitaram, e as relereis. Muito me admirarei, se ella não vos disserem mais do que outr'ora; pois as comprehendereis melhor por dois motivos: porque a vossa idade será a do crescimento intellectual, e porque lereis pensando em vos recrear, não na lição a dar.

Agora, em toda a parte, as escolas possuem a sua bibliotheca; pedi-lhes livros emprestados. Nas cidades, custam pouco as assignaturas de leitura; sêde assignantes. Fazei melhor: desde que possais, comprai livros, oh!, não muitos, tres ou



quatro por anno. Hoje os livros são tão baratos! Alguns francos bastarão para vos compôrdes toda uma bibliotheca. E dareis assim um edificante exemplo a muitos refinados burguezes, cujo orçamento não prevê a aquisição de um volume.

Escutai-me bem, pois vou dar-vos um conselho que me parece preciosíssimo: qualquer que seja o vosso exprego, onde quer que vos alojeis, que o vosso quarto seja allumiado por uma janella ou por uma trapeira, — tende sempre uma estante de livros; recobri-os afim de defende-los da poeira e das manchas. Convem que os livros andem limpos.

Quando fôrdes um pouco maiores, habituai-vos á leitura de um jornal. Nos jornaes populares encontrareis matéria que vos instrua acerca dos grandes acontecimentos que se passam no vosso paiz e em todos os paizes do mundo.

Vejamos, tudo isso será assim tão difficil?

Temos aqui um curso para adultos. Este anno, o sr. Leduc, cujo zelo é incançavel, dividiu este curso em tres classes, segundo a capacidade dos alumnos. Vinte e quatro discípulos o seguiram. Desses, um terço ou pouco menos eram aprendizes de vidraceiro.

As nossas escolas têm a sua bibliotheca. Durante o último anno escolar, foram emprestados ás raparigas duzentos e quarenta e tres volumes. A preferencia dellas é pelas belas histórias que commovem. Muitas pediram livros tristes á mademoiselle Michaud: "Mademoiselle, dai-me um livro que faça chorar". Donde não se deve concluir que as raparigas de Nouvion são pessoas melancólicas. Aos rapazes foram emprestados, de Janeiro de 1912 a Janeiro de 1913, setecentos e nove volumes, cifra que este anno será ultrapassada. Notei na lista dos empréstimos grandes nomes: Victor Hugo, Balzac; nomes célebres, Bernardin de Saint-Pierre, Teuriet, Alfonse Daudet. Preferem os romances históricos de Eckmann-Chatrion, as narrações de viagens reaes ou imaginarias como as de Julio Verne, os livros relativos ás nossas colónias e aquelles que tratam da terrível guerra.

A "mére Jean", emfim, a pobre velha que, toda curvada mas tão intrepida, arrastava pelas ruas os seus setenta e oito annos, levando sob um braço o seu pacote e apoiando-se com o outro, já não está ahí para vender jornaes; mas circulam nas nossas ruas outros vendedores de jornaes.

Devo prever uma objecção. Ella me foi feita por um rapaz intelligente, que tinha sido bom discípulo, e a quem eu dava os conceitos que acabais de ouvir. Elle me interrompeu: "Mas para que serve isso?"

— Para que serve isso?

Meus meninos, muitos dos que aqui estais serão futuros rendeiros. Ora, pelo inverno, na granja, as noites são compridas.

As crianças dormem nos seus leitos; os animaes dormem nas cocheiras; nada a fazer nas pastagens veladas pela noite. Como passar o tempo? Escolhendo a palha que separará as fileiras de queijo? Esse cuidado não póde occupar todas as noites de inverno. Out'ora o quinteiro fazia meia como a quinteira; conheci um que só calçava meias por elle mesmo tecidas. Este uso foi abandonado. Dizem-me que tambem se vae perdendo o hábito dos serões em que os visinhos se visitavam. . . O pêndulo dos relógios vai e vem no grande silencio; parece contar a vida gotta a gotta, e dizer a cada pancada: "Mais uma gotta cahida". E' muito triste, entendia. . .

Em todas as profissões conhecereis eguaes horas sem emprego e estareis sujeitos ao tédio, uma coisa tão triste e um tão máu conselheiro. Nas horas de ócio, refugiai-vos em um livro que vos agrade.

Um livro que vos agrade! Isso me recorda uma história que vos devo contar.

Quando tinha a vossa idade, conheci um bom velho, meu tio Gravet, de quem eu sou aqui o único a lembrar-me, pois elle morreu ha sessenta annos. Vossos pais recordam-se de meu primo Gravet, que, duas vezes por dia, sabindo á hora certa para entrar á hora certa, fazia a volta Nouvion; elle chegava sempre ao mesmo lugar, ao mesmo instante, tão exacto, que a sua passagem podia servir para acertar os relógios caprichosos.

Meu tio Gravet tinha os cabellos brancos que brilhavam docemente, como a neve á luz da lua. Era um sabio: possuia a sabedoria das fábulas de La Fontaine; dos seus livros de escola tinha guardado o "fablier".

Riam delle por causa do seu costume de falar sempre alto, quando estava só. Uma noite de verão, brincávamos alguns gajatos na praça, atraz da igreja. Elle passou só, e falando. Um dos meus companheiros interrompeu-me: "Olha, o teu tio anda a caducar". Para honra de minha familia, dei-lhe uma bofetada e recebi em troca um murro. Sómente depois foi que me persuadi de que o tio, nos seus monólogos, repetia os versos de La Fontaine. O que é certo, todavia é que elle citava frequentemente o seu poeta.

Era-lhe grato encontrar nas fábulas os animaes familiares; amava tambem aquellas paysagens, ora ridentes, ora grandiosas, evocadas em alguns versos, muitas vezes em um só verso, não raro por uma única palavra. Gostava muito, emfim, da moral do poeta, que não era muito elevada, mas que se inspirava na commum experiencia dos homens, moral que La Fontaine indica em breves fórmulas, com malícia e graça bem francézas.

Por todas essas razões o nosso La Fontaine lhe foi um encantador companheiro na estrada da vida.



Porque haveis de vos negardes ás alegrias que o tio Gravel se permittiu? Como vós, elle veio ao mundo aqui; a sua casa natal está ainda de pé na aldeia de Malemperche. Demorou na escola menos tempo do que vós; elle até se gabava de que a sua educação — a escola não era então gratuita — não tivesse custado a seus pais mais de quarenta “sous”. E o facto de amar La Fontaine não o impediu de ser um excellente vendedor de hortaliça.

Como vêdes, pois, meus meninos, a leitura, “isso”, serve para nos livrar do tédio, “isso” nos prodigaliza prazeres que são nobres. Mais ainda outros beneficios deveis á leitura.

Sabeis que a vossa vida transcorre numa época que não é vulgar? A terra out’ora tão vasta, e que chamávamos o mundo, estreitou-se: Bastam algumas semanas para contorna-la; bastam alguns segundos para transmitir o nosso pensamento, as nossas palavras mesmo, a milhares de kilometros. Travamos familiaridade com o céu. Os astros *posam* diante dosapparelhos do astrónomo photógrapho. E, nas cartas celestes, a lua parece esperar um explorador, para os seus valles e as suas montanhas.

Já que a terra se tornou tão pequena, é bom, pelo menos, que o homem a conheça toda. Nos nossos dias, em vida vossa, dos dois extremos pontos, os pólos, mysteriosos e formidaveis, um foi tocado, o outro está proximo de o ser, por exploradores heroicos. Entre o pólo norte e o pólo sul, o homem circula á vontade. Montanhas que pareciam inacessiveis, furaram-nas os tuneis, salvaram-nas os aeroplanos de modo tal que as neves eternas se espantam de se verem contempladas tão do alto. Isthmos fechavam os caminhos? Cortaram-se os isthmos. Só o deserto parecia interdito ao homem.

. . . Le désert où Dieu contre l’homme proteste, diz Victor Hugo; mas o homem está em via de estender os seus “rails” através o deserto africano. Com effeito, desenham-se traçados de caminhos de ferro entre o Oceano Atlantico e o mar das Indias, entre o Mediterraneo e o mar Austral, e os estados da velha Europa fundam imperios no continente negro. Um dia, da mistura das raças, nações alli nascerão, nações cujo futuro é tão indecifrável como o era o da Europa, ha cinco mil annos, para os sabios do Egypto ou da Chaldéa.

A nossa Europa nunca foi mais activa do que hoje. Um grande amor de si mesmo apossou-se de seus povos: jámais foram as patrias mais ardentemente amadas. Ouviste, com certeza, falar um pouco da guerra nos Balcans. Quanta morte e espantosos males soffreram os servios, pela patria servia; soffreram os búlgaros, pela patria búlgara; soffreram os gregos, pela patria hellênica. As grandes potencias estão armadas da cabeça aos pés, promptas para travar guerra a qualquer momento.

Ao mesmo tempo, creações internacionaes são inspiradas não sómente pelos interesses materiaes, mas pela sciencia, pela caridade, pela humanidade. Nestes dias foi inaugurado na Haya, um templo da paz. Os sacerdotes desse templo esperam e acreditam com fé profunda e sincera, que um dia alli serão recebidas de todos os pontos da terra as homenagens dos povos reconhecidos

Os povos aspiram a maior liberdade. Empallidece o brilho das corôas. E por toda a parte o espirito democrático impõe aos governos o estudo dos meios de tornar emfim supportavel a todos os homens a vida humana.

A sciencia continúa seu prodigioso esforço nas bibliothecas, nos laboratorios, nos gabinetes dos inventores. Cada dia traz a sua grande novidade. Ante-hontem, éramos informados de que um japonês, discipulo de Pasteur, descobrira num laboratorio da América, o microbio da raiva. Hontem eram novos milagres da aviação, a experiencia do para-quedas, a acrobacia aerea, a heroica — convem repetir esta palavra — a heroica travessia do Mediterraneo entre a nossa costa e a provençal e a nossa costa tunisiana.

Amanhan, que aprenderemos?

E tudo isso, meus meninos, não desejais saber? Vivereis encerrados num horizonte de cella, extranhos ao vosso tempo, ao vosso paiz, sêres sem data e sem patria?

A falar a verdade, não sereis, então, altivos!

Instrui-vos, pois, por todos os meios, pela escola prolongada, pela leitura, e, tambem, está visto, pela attenta experiencia da vida. Aprendereis uma coisa hoje, amanhan outra. Pouco a pouco, sem que mesmo o suspeiteis, as vossas aquisições se classificarão nas vossas cabeças. Estará feita vossa provisão de idéas e sentimentos. Comprehendereis o vosso tempo e sabereis conduzir vossa existencia.

Meus caros meninos, este discurso, sinto-o bem, vai sorprehender algumas pessoas. Acbar-se-á ridículo que vos tenha entretido com tão sérias coisas e recommendado a leitura de jornaes. Falei-vos mesmo de politica: que escândalo! Mas o grande escândalo, que é tambem um grande perigo e uma enorme vergonha, é existirem em França homens que não concebem o que é ser um homem, cidadãos incapazes de servir a cidade que ignoram, soldados que não sabem para defesa de quem carregam armas.

Assim, mantenho os meus conselhos, insisto nelles, e termino recommendando-vos ainda uma vez a estante de livros. Prometto dar uma áquelle que m’a pedir, uma bella estante pintada e mesmo envernizada”.



## LEITURAS SUPPLEMENTARES

### ITATIÁIA

(DAS NOVAS LEITURAS)

Encobertos, aqui e ali, illuminados pelos raios fugitivos do sol poente, os altos pincares do Itatiáia são percebidos confusamente.

Contraforte sobre contraforte, a serra, com suas diversas denominações, conforme a similhaça maior ou menor com que retrata os objectos, chama-se Focinho de Cão em Piquete; Pedra Branca, além; Pão de Assucar mais ao nascente.

Partindo de Lorêna, na pequena e bem cuidada estrada de ferro que se dirige a Piquete, nem se imagina o bello panorama que em breve se descortinará.

Bem apertada entre muitos morros a succederem-se até a serra, surge a antiga Villa do Piquete, em que o Governo da União recentemente fundou um dos mais importantes estabelecimentos, de que a moderna indústria na arte da guerra se pôde orgulhar.

A fábrica de pólvora sem fumaça, com seus importantes laboratorios, com suas notaveis construcções, seus chalés elegantes, seus lindos e bem cuidados jardins, parece um parque encantado, onde, tratando das coisas da guerra, se vive na mais confortavel e completa paz.

A encantadoras paizagens succedem outras mais encantadoras, ainda, á medida que nos approximamos da serra em qualquer de seus pontos, seguindo um desses muitos ribeirões que de lá descem, o Jacaré, por exemplo, que passa perto da Villa de Pinheiros.

Como outros tantos ribeirões que descem da serra do Itatiáia, límpido, ruidoso, correndo entre lages negras e agudas arestas, ou arredondados calhãos de grosso granito, o Jacú desce tambem, regando verdes campos, movendo pesadas rodas de engenhos, até que cansado de tanto trabalho, se precipita no leito do caudaloso Parahyba.

E além, acima dessas serras, apoiando-se nessa escura e grande massa granítica, a extensão mineira começa, dando

aberta para essa região uberrima de altas mattas e fartas pastagens nativas que formam a maior parte de todo o planalto central brasileiro.

Voltando dali a vista para as quebradas da serra que acabamos de galgar, amplo, magestoso, o valle do Parahyba surpreende, deixando entrever de longe em longe, pequenos pontos brancos, marcando os logares onde assentam cidades semeadas á margem do caudaloso rio.

## Fogo!

(DAS NOVAS LEITURAS)

Manifestára-se o fogo no cannavial fronteiro ao rancho.

O mês de agosto continuava a prolongar a secca.

Os pastos tostados pelo sol, resequidos pela falta de chuvas, não tinham brotado ainda.

A criação descia pelas encostas e estacionava á orla do banhado agora enxuto, secco, gretado, lambendo aqui e ali um tufo esguio de capim mais fresco, menos resequido.

No extremo do campo estava um cannavial quasi tostado, a que um descuido communicára o fogo.

O caboclo que o cultivava a meias, descansava do seu labutar de todos os dias.

Presentindo o fogo, erguera-se apprehensivo. Observando da porta a marcha devastadora e violenta das chammas crepitantes, resolveu atalhar o fogo. O aceiro era o unico recurso possivel.

Do arraial fronteiro os moradores apreciavam o imponente espectáculo.

O crepitar das moitas abrasadas attingidas pelas chammas, ouvia-se ao longe.

As fagulhas, impellidas pelo vento, chegavam aos pés dos mudos espectadores desta sinistra scena que os empolgava.

E o rancho do caboclo, ali perto, era de colmo coberto de sapé.

Mais algum tempo e as chammas o envolveriam.

O forte caboclo, porém, não desanimava; abria o aceiro que poderia ainda salva-lo, se o vento não lhe fosse completamente contrario. Luctava contra o fogo que lhe mordia a pelle; o suor innudava-lhe a cabelleira intonsa.

Os do arraial viram-no lutar, viram-no acerar, entreolharam-se, pediram enxadas, correram em auxilio do caboclo na sua faina titânica.



A sua energia o salvou, livrando sua pobre e querida choupana do incêndio ameaçador.

O poderoso auxilio recebido redobrou-lhe o ânimo para completar seu trabalho de circumscrever o fogo. Salvaram assim uma parte do cannival incendiado.

Abrandara o vento; a natureza auxiliara a acção do homem que soubera lutar.

Ao cair da tarde o fogo estava extinto.

## O Pai

(François Coppée)

Vinha bêbedo e, além da cara pouco séria,  
 Dava na companhia... Ao vicio e á vil miséria,  
 Coube, ferreiros máus, prender num élo os dois.  
 Si a mulher infeliz acceitou-o ao depois,  
 Foi para não dormir na rua... E' horroroso!  
 Era quasi feroz para o bruto do esposo  
 Que á noite a espancava... E davam os seus gritos  
 A' hora exacta, em redor, aos vizinhos constrictos.  
 Reinava após silencio horrível! — Bem me lembro:  
 Por um tempo de horror, de fome, era em Dezembro,  
 Uma vez a esse par, tão da paz inimigo,  
 Nasce um filho (mas, oh! que esse berço bemdigo!)  
 E logo o baptiscu uma bocca amorosa,  
 cujo beijo não ioi menos puro que a rosa!  
 — Ora, o pai regressou inda ébrio, o outro dia,  
 Mas, á porta estacou; sua mão que batia,  
 Não mais ousou se erguer para a mãe desgraçada.  
 O olhar acceso em ódio, entre brios sangrada,  
 Ella, notando ali a figura do amante  
 Que a sentia embalar o berço, poz-se adiante  
 Delle e assim lhe bradou: bate já, que estou prompta!  
 A pancada tardava e a dôr não a amedronta.  
 Ficou mais brando o inverno ou o pão menos caro  
 Ou não tens, pelo vinho, aquelle mesmo faro?  
 Mas o pai, succumbido então, não poude ouvi-la,  
 E, fixando no filho a estúpida pupilla,  
 Trêmulo, como um réo cujo crime lhe morde,  
 Disse: — Tenho medo, ai! de que a criança acorde!

ANTONIO PEIXOTO

## HYMNO ESCOLAR

“BARÃO DE MONTE SANTO”

(Letra do professor Angelo Silvio e música, especialmente escripta para este hymno, do maestro Hermogenes Pires dos Santos).

### I

Eia, avante, collegas! A Escola  
 E' o caminho que á gloria conduz!  
 O saber, que dos livros se evola,  
 A grandeza da Patria traduz.

### CÔRO

Eia, avante, soldados! Marchemos,  
 Arvorando o estandarte do Amor!  
 A Virtude e o Saber veneremos,  
 Que o Saber é virtude, é valor!

### II

Cada escola que se abre é um templo  
 Onde brilham milhares de sóes!  
 Onde o ensino se faz pelo exemplo!  
 Hoje o livro é que faz os heroes...

### CÔRO

Eia, avante, soldados! (etc.)

### III

Do inimigo, que os fracos aterra  
 E a conquista das armas seduz,  
 Respondamos ao brado de guerra  
 Co'as conquistas da Sciencia, da Luz!

### CÔRO

Eia, avante, soldados! (etc.)



## IV

Sejam bênçãos de amor nosso hymno  
A este templo de sciencia e de luz!  
Toda a terra onde é vasto o ensino,  
A grandeza dos filhos traduz!

CÔRO

Eia, avante, soldados! (etc.)

A. SILVIO.

---

## Canção do Estio

(Hymno Escolar)

Leva, pastor, os teus carneiros  
A pastar no verde matto;  
As flôres já exhalam cheiros  
Debruçadas no regato.

CÔRO

Vamos, oh! cantar, cantar o sol,  
Pondo fresca e forte a voz!  
Pombos voam sobre nós...  
Querem saudar  
O lindo sol raiar!...

Estão voando nas collinas  
Borboletas de mil côres;  
Atraz das brancas rosas finas  
Vão crianças, beija-flôres...

Eia! a gosar a manhan pura  
Para o norte e para o sul!  
Já toda a flôr mostra a candura  
Para o céu de seda azul!

Vem, andorinha! vem, abelha!  
Sois na luz nossas irmans.  
Na nossa bocca tão vermelha  
Mora o riso das manhans!

ANTONIO PEIXOTO.

## Bibliographia pedológica

No anno passado, quando eu ainda estava em São João da Boa Vista, aconteceu que, tendo feito uns negocios de livros com o sr. Alves, me restou lá um saldo de dez mil e pouco.

Escrevi-lhe, então, uma carta pedindo que me enviasse por saldo de conta um bom livro de pedagogia.

Elle enviou-me a *Pedologia* de Faria de Vasconcellos.

Eu já conhecia esse livro por te-lo visto muitas vezes citando no roda-pé da *Revista* e do *Anuario*; e, como tenho especial attenção para as referencias bibliográficas, elle cá me ficou num *escaninho* do cérebro, preciosamente guardado. Assim, quando recebi a encomenda, não pude deixar de louvar intimamente a ótima escolha do intelligente editor.

Ao contrário do que habitualmente se faz, eu não o li logo de primeira vista. Um meu companheiro de quarto, sujeito muito loquaz e grande amigo das sciencias, que elle apreciava pela rama, incumbiu-se de cortar as folhas do livro, e folheando-o, embeveceu-se na grande quantidade de nomes e de números que no livro se continham. Talvez, por causa disso, meu amigo formulou um juizo, que me lembro bem, era mui favoravel ao livro em questão.

Bem. Com todas estas vantagens, metti a obra entre as outras da minha estante e fiquei, mui pacientemente, á espera de que se desenvolvesse na obscuridade do meu organismo uma forte inclinação para ella.

Isto não custou muito a chegar. Foi em começos do anno que corre.

Abri o meu livro e li-o todo de uma assentada, pelo método global. Não tenho lembrança de tão grande fascinação como a que sentí após essa leitura. Fascinação, não de idéas ou de fôrma, mas de amplidão, de trabalho a fazer e de trabalho feito.

Quanto nome, meu Deus, não viram meus olhos, quanto livro não lobriguei, quanta sociedade de pedologia, quanta reunião de pais e professores, quanto congresso, quanto instrumento, quanto meio de estudo! Tudo deslizou pelos meus olhos como uma paisagem fértil pela locomotiva que corre.

Eu não tinha uma concepção nitida da infinidade de coisas que o livro me dissera, mas hauri um sentimento indeterminado como o que se experimenta ao ler um bom livro de religião.

Mais tarde, voltei por diversas vezes ao livro, e sempre a mesma falta de nitidez e de unidade me inhibia de ganhar uma concepção simples que me puzesse immediatamente em acção.



Resolvi, por esse motivo, atirar-me ao que de mais abundante e seductor havia no livro: — a bibliographia. Durante um mez e pouco, estive preso dia e noite a esse assumpto. O resultado, ei-lo aqui.

O livro de Faria de Vasconcellos está dividido em doze lições, e no fim do volume ha uma bibliographia devidamente numerada correspondente a essas lições.

No texto propriamente ha rarissimas indicações bibliographicas. O que ahi abunda como não vi em parte alguma, são os nomes de auctores. Faria de Vasconcellos escreve, notem bem, escreve 2.068 nomes distribuidos do modo infra:

1. <sup>a</sup> lição	75	nomes	—	Introdução
2. <sup>a</sup> »	119	»	—	Os problemas e os métodos
3. <sup>a</sup> »	272	»	—	O crescimento physico
4. <sup>a</sup> »	186	»	—	O desenvolvimento mental
5. <sup>a</sup> »	190	»	—	Orgãos dos sentidos
6. <sup>a</sup> »	321	»	—	A memória
7. <sup>a</sup> »	427	»	—	A associação das idéas
8. <sup>a</sup> »	182	»	—	A atenção
9. <sup>a</sup> »	206	»	—	A intelligencia
10. <sup>a</sup> »	116	»	—	A affectividade
11. <sup>a</sup> »	59	»	—	A actividade
12. <sup>a</sup> »	235	»	—	A fadiga

Alguns autores são repetidos escandalosamente, como Binet, 201 vezes, e isso acarreta uma redução consideravel no número delles.

Elles são ao todo, 564, uns de livros, outros de artigos de revistas, outros de instrumentos, e raramente uma autoridade administrativa. Se a isto juntarmos a lista menos pródiga de nomes de paizes, de escolas e de cidades, teremos, uma infinidade de nomes proprios, quasi um vocabulario, que só serve para empanar o brilho da obra, dando-nos aquella concepção confusa de que ha pouco falei.

Alem de Binet, os auctores mais citados são os seguintes:

Schuyten . . . .	64	vezes
W. James . . . .	51	»
Simon . . . . .	49	»
Claparède . . . .	41	»
Victor Henri . . .	31	»
Stanley Hall . . .	31	»
Ley . . . . .	30	»
Van Biervliet . .	28	»
Ribot . . . . .	28	»

Pérez . . . . .	27	vezes
Féré . . . . .	22	»
Stern . . . . .	22	»
Baldwin . . . . .	19	»
Münsterberg . . .	19	»
Zichen . . . . .	18	»
Groos . . . . .	17	»
Demoor . . . . .	16	»
Mac Donald . . . .	16	»
Wundt . . . . .	16	»
Ebbinghaus . . . .	15	»
Kemsies . . . . .	14	»
Smith . . . . .	14	»
Bourdon . . . . .	13	»
Compayré . . . . .	13	»
Gilbert . . . . .	13	»
Vaney . . . . .	13	»
Languier des Bancells	12	»
Lange . . . . .	12	»
Niceforo . . . . .	12	»
A. Bain . . . . .	12	»
Kraepelin . . . . .	11	»
Lobsien . . . . .	11	»
Mosso . . . . .	11	»
Weber . . . . .	11	»
Decroly . . . . .	10	»
Quetelet . . . . .	10	»
Richet . . . . .	10	»
Sikorsky . . . . .	10	»
Vaschide . . . . .	10	»
Toulouse . . . . .	10	»

Isto é o que se encontra no texto das lições. Vejamos agora a bibliographia particularmente especificada.

Na parte da primeira lição intitulada «Movimento pedológico» e na bibliographia que lhe corresponde, está o rol das revistas que se occupam de pedologia. Algumas destas não são aproveitadas, como, por exemplo, a *Pedologisch Vaarboek* que não tem artigo correspondente. Outras revistas que não são citadas no rol, apparecem no correr da bibliographia, como, por exemplo, a *Teistschrift für Psychologie*.

Estes factos e outros ainda, levam-me á conclusão de que não assiste a Faria de Vasconcellos bem como á maioria dos autores um critério de utilidade na organização de suas notas bibliographicas.



Ellas surgem, as notas subordinadas á necessidade de documentação ou á mania de erudição, intimamente ligadas ao correr do trabalho mental do autor e abrangendo todas as suas leituras, não seleccionadas, quando devia existir, ainda que simultaneamente e em separado, um outro critério: — o de um leitor neóphyto desejoso de se iniciar no assumpto.

Encontram-se na bibliographia e no texto das lições, 62 revistas citadas com 196 artigos e 132 autores diferentes. Entre todas occupa o primeiro lugar *L'Année Psychologique* com o infatigavel Binet á frente.

São as seguintes as revistas mais cotadas:

<i>L'Année Psychologique</i> . . . . .	46	artigos
<i>Revue Philosophique</i> . . . . .	21	»
<i>Bulletin de la Société pour l'étude psychologique de l'enfant</i> . . . . .	De 1899 a 1909	
<i>Archives de Psychologie</i> . . . . .	7	artigos
<i>Archives internationales d'Hygiène Scolaire</i> . . . . .	5	»
<i>The Psychological Review</i> . . . . .	17	»
<i>The American Journal of Psychology</i> . . . . .	12	»
<i>The Pedagogical Seminary</i> . . . . .	10	»
<i>Zeitschrift für Psychologie und Physiologie des Sinnesorgane</i> . . . . .	9	»
<i>Zeitschrift für Pädagogische Psychologie</i> . . . . .	8	»
<i>Zeitschrift für Psychologie</i> . . . . .	5	»
<i>Psych. Arbeiten</i> . . . . .	5	»

*L'Année Psychologique*, editado pela grande livraria Masson & C.<sup>a</sup>, (1) apparece annualmente sob a forma de um grosso volume in 8.<sup>o</sup> que é posto á venda por 15 francos.

Fundado por Binet em 1895, foi publicado até 1911, durante dezeseite annos, pelo proprio Binet, que lhe offereceu o melhor de suas indagações nas escolas de Paris, em companhia de Victor Henri, do Dr. Simon e de outros. Em 1911, no dia 11 de outubro, uma apoplexia cerebral fulminou o grande trabalhador, e *L'Année Psychologique* passou ás mãos de Languier des Bancells que já era seu secretario e que publicou o XVIII.<sup>o</sup> número. Finalmente Henri Pieron que substituiu a Binet na directoria do «*Laboratorio de psychologia da Sorbonne*», ficou com a tarefa de publicar o annuario, o que já fez em 1913, dando á luz o XIX.<sup>o</sup> número.

A livraria Masson tem em depósito todos os números de *L'Année Psychologique*, excepto o primeiro, que está exgotado.

(1) Boulevard Saint-Germain, 120 Paris.

O tomo II até o VI (1899) custa 50 francos cada um. O tomo VII custa 18 francos. Os restantes são vendidos pelo preço normal que é de 15 francos.

A *Revue Philosophique* editada pela livraria Felix Alcan, (1) é muito mais antiga, pois data a sua fundação de 1875. A livraria Alcan tem todos os annos em deposito e os vende a razão de 30 francos cada anno, ou, então, vende cada número isolado por 3 francos. Apparece a revista todos os mezes e a sua assignatura custa 33 francos annuaes. E' seu redactor o grande Ribot.

O *Bulletin de la société pour l'étude psychologique de l'enfant*, tambem editado pela livraria Alcan, custa apenas 5 francos annuaes, apparecendo um número todos os mezes, menos durante as férias escolares de verão.

Quanto ás outras revistas, nada posso dizer por enquanto.

Seria bem util aos professores a aquisição de collecções destas revistas pelo governo, pois ellas resumem ou condensam quasi que todos os esforços contemporaneos em favor da criança. Deste modo, cada leitor poderia receber da fonte original o bafejo animador de grandes almas como as de Binet e Schuyten, Claparède e Kraepelin, Mlle. Borst e tantas outras.

Isto quanto as revistas. Quanto aos autores, são os seguintes os mais operosos:

Binet, Binet e Henri, Binet e Simon . . . . .	28	artigos
Bourdon . . . . .	4	»
Bancells . . . . .	5	»
Bolton . . . . .	3	»
Claparède . . . . .	3	»
Féré . . . . .	3	»
Ioteyko . . . . .	3	»
Kraepelin . . . . .	3	»
Kirhpatrich . . . . .	3	»
Lobsien . . . . .	3	»
Quetelet . . . . .	3	»
Simon . . . . .	3	»

Os outros autores têm dois e mais geralmente um único artigo.

(1) Boulevard Saint-Germain, 108 Paris.



A exposição dos factos já mencionados terá feito comprehender ao leitor que os elementos de estudo da pedologia se acham em grande parte disseminados pelas revistas. Apesar disto não é pequena a lista de livros.

Faria de Vasconcellos, na bibliographia e no texto das lições, cita 175 obras, sendo 108 francezas, 42 allemans, 19 inglezas ou americanas, 5 italianas e 1 argentina. A essas obras correspondem 135 autores differentes.

São os seguintes os autores mais operosos :

Ribot .	8 obras
Binet .	5 »
Bain .	3 »
Demoor .	3 »
de Fleury .	3 »
P. Janet .	3 »
Münsterberg .	3 »
Pérez .	3 »
Paulhan .	3 »
Sollier .	3 »

Incluirei aqui a lista de todas as obras francezas, com o respectivo preço e a casa editora. Não o faço para as outras obras porque me faltam estes elementos.

O preço e a casa editora são dois dados fundamentaes que não deviam esquecer áquelles que citam autores e livros. O preço, porque por meio delle avaliamos o tamanho da obra e verificamos se a podemos adquirir.

São numerosos os casos de desapontamento que conheço por falta desse elemento. Um meu amigo, muito dado a estudos, tendo de ir ao Rio, organizou um modesto ról de livros que elle pretendia adquirir. E lá foi. Chegando ao seu destino, dirigiu-se logo que poudo ao Briguet e pediu a primeira obra do ról. O velhinho da livraria, sólicito, carregou-lhe um enorme volume que custava uma alluvião de francos. Naturalmente, o volume foi posto de parte. Veiu um terceiro, idem; um quarto, a mesma cousa, de sorte tal que o meu amigo teve que contentar-se com alguns magros volumes que ficavam muito aquêem do seu desejo.

Ainda este amigo foi á livraria, levando no pequeno ról todas as angustias do desconhecido. A maioria, porém, não se abalança a tanto. Um livro estrangeiro, que ostenta um nome desconhecido e que é manufacturado lá nas longinquas paragens da Europa, póde exercer sobre o pensamento a mais agradável suggestão como essas roupas de luxo que a «Maison du Louvre» nos pinta nos seus catálogos, cuja posse ambicionamos

e com as quaes, ás vezes, distrahidamente sonhamos. Compra-las, porém, é obra de mais precisão: é preciso traduzir o preço e conhecer as exigencias da alfandega.

Ora, é isto indispensavelmente, são estas insignificantes minucias materiaes que não deviam esquecer os citadores de livros, se lhes assiste, como é de suppor, o desejo sincero de que o leitor se muna das obras que elles entusiasticamente proclamam.

Esta última consideração serve já de base á prova da necessidade de indicação da livraria editora, mas ha outro argumento mais concludente.

E' ingenuidade pensar que as nossas livrarias, como o Alves, o Briguet, o Garnier, que vivem abarrotadas de livros francêses, possuam as obras que a França edita. O que ellas possuem são as novidades ou os restos de novidades. Ora, para quem pretende guiar-se criteriosamente, as novidades não servem e os restos de novidades, muito menos.

A casa editora, ao contrário, possui as obras que edita e as vende a qualquer momento.

Mesmo, porém, que o comprador não se queira dirigir directamente á casa editora, a sua menção é muito util, creio eu, para a orientação do intermediario.

A este respeito, convem citar aqui a livraria Alves, inquestionavelmente a mais barateira de todas as nossas livrarias, quer na venda das suas proprias edições, quer na venda das edições estrangeiras. Tem-me ella fornecido as obras francezas a razão de \$600 réis o franco.

Para aquelles que ambicionarem ter relações directas com as livrarias de França, ha a noticia animadora de que o imposto alfandegario é pouco oneroso, cerca de cento e poucos réis por kilo.

Não me estendo mais sobre este ponto porque meu objectivo no presente artigo não é fornecer ao leitor indicações sobre o commércio de livros. O meu objectivo é sustentar as vantagens que ha para o leitor, em virem as indicações bibliographicas acompanhadas do preço e da menção da casa editora.

E' o que faço na lista que se segue, onde taes indicações são fornecidas a respeito de 91 obras. As 17 restantes, que adicionadas ás primeiras formam o total de 108, todas as obras francezas citadas por Faria de Vasconcellos, não puderam ser encontradas nos numerosos catálogos que percorri.

As obras encadeadas ou cartonadas são acompanhadas da abreviatura correspondente. A's que faltarem estas indicações, subentende-se que são vendidas em brochura, como é de praxe fazer nos catálogos.



As livrarias editoras indicadas abreviadamente na lista, são as seguintes :

Hachette & Cia., Boulevard Saint Germain, 79; Schleicher Frères, Rue des Saints Pères, 6; Armand Colin, Rue de Mezières, 5; Octave Doin, Place de l'Odéon, 8; A Maloine, Place de l'École de Médecine, 23-25; Emile Bougault, Succ (1) Boulevard Saint — Germain, 77.

Esta última livraria não é editora, porém confecciona catálogos que condensam as edições de muitas casas francêsas e estrangeiras, o que facilita enormemente o trabalho de pesquisa. O endereço da livraria Alcan, a mais importante para o assumpto que nos preoccupa, já foi fornecido linhas atrás.

Esta livraria mantém a *Bibliothèque de Philosophie Contemporaine* da qual faz parte mais de metade das obras francêsas citadas por Faria de Vasconcellos.

Segue-se a lista das obras :

- Binet* — E'tude expérimentale de l'intelligence — Schleicher, 6 fr. ;
- Binet* — La suggestibilité — Schleicher, 12 fr. cart. ;
- Binet* — Psychologie des grands calculateurs et des joueurs d'échecs — Hachette, 3 fr. 50;
- Binet et Henri* — La fatigue intellectuelle — Schleicher — 8 fr. cart. ;
- Binet et Simon* — Les enfants anormaux — Colin — 2 fr. ;
- Bain* — Les sens et l'intelligence — Bougault — 10 fr. ;
- Bain* — Les émotions et la volonté — Bougault — 10 fr. ;
- Bain* — La science de l'éducation — Alcan — 6 fr. ;
- Baldwin* — Le développement mental chez l'enfant et dans la race — Alcan — 7 fr. 50 ;
- Baldwin* — La pensée et les choses — Doin — 4 fr. ;
- Beunis* — Les sensations internes — Bougault — 6 fr. ;
- Bernstein* — Les sens — Alcan — 6 fr. ;
- Bonnier* — L'audition — Doin — 4 fr. ;
- Mlle. Borst* — Recherches expérimentales sur l'éducabilité et la fidélité du témoignage ;
- Compayré* — L'évolution intellectuelle et morale de l'enfant — Hachette — 5 fr. ;
- Compayré* — L'adolescence — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Claparède* — Psychologie de l'enfant et Pédagogie expérimentale, Bougault — Sans presse ;
- Claparède* — L'association des idées — Doin — 4 fr. ;
- Cramaussel* — Le premier éveil intellectuel de l'enfant — Alcan — 2 fr. 50 ;

1) Todas de Paris.

- Chervin* — Bégaiement et défauts de prononciation — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Demolin* — L'éducation nouvelle — Colin — 5 fr. 50 ;
- De Fleury* — Nos enfants au collège — Colin — 5 fr. 50 ;
- De Fleury* — Le corps et l'âme de l'enfant — Colin — 5 fr. 50 ;
- De Fleury* — Introduction à la médecine de l'esprit — Alcan — 7 fr. 50 ;
- Duprat* — Le mensonge — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Dugas* — La timidité — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Dinet* — Physiologie et pathologie de l'éducation ;
- Demoor* — L'École ;
- Demoor* — Les bases scientifiques de l'éducation ;
- Demoor* — Les centres sensorielles et les centres d'association ;
- Ellen Rey* — Le siècle de l'enfant — Bougault — 5 fr. 50 ;
- Egger* — Observations sur le développement du langage et de l'intelligence ;
- Eneyrat* — Les jeux des enfants ;
- Féré* — Sensations et mouvements — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Féré* — Travail et plaisir — Alcan — 12 fr. ;
- Ferri* — La psychologie de l'association depuis tables jusque à nos jours — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Francillon* — Essai sur la puberté chez la femme — Alcan — 4 fr. cart. ;
- Fouillée* — Tempérament et caractère — Alcan — 7 fr. 50 ;
- Flehsig* — E'tudes sur le cerveau ;
- F. de Vasconcellos* — La psychologie de foules infantiles ;
- Gley* — E'tudes de psychologie — Alcan — 5 fr. ;
- Groos* — Les jeux des animaux — Alcan — 7 fr. 50 ;
- Godin* — Recherches anthropométriques sur la croissance — Maloine — 5 fr. .
- Hoffding* — Esquisse d'une psychologie fondée sur l'expérience — Alcan — 7 fr. 50 ;
- Hartenberg* — Les timides et la timidité — Alcan — 5 fr. ;
- Ives Delage* — L'hérédité et les grands problèmes de biologie générale ;
- W. James* — Principes de psychologie — Bougault — 10 fr. ;
- W. James* — Théorie de l'émotion — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Janet* — L'automatisme psychologique — Alcan — 7 fr. 50 ;
- Janet* — Névroses et idées fixes — Alcan — 26 fr., 2 vol. ;
- Janet* — Les obsessions et la psychasténie — Alcan — 32 fr. 2 vol. ;
- Lacombe* — Esquisse d'un enseignement basé sur la psychologie de l'enfant — Colin — 3 fr. ;
- Laisant* — L'éducation fondée sur la science — Alcan — 2 fr. 50 ;
- Lange* — Les émotions — Alcan — 2 fr. 50 ;



- Le Dantec* — Science et conscience — Bougault — 3 fr. 50;  
*Le Dantec* — Traité de biologie — Bougault — 45 fr. ;  
*Levy* — L'éducation de la volonté — Bougault — 4 fr. ;  
*Levy* — L'arriération mentale ;  
*Mosso* — La fatigue intellectuelle et physique — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Malapert* — Le caractère — Doin — 4 fr. ;  
*Marro* — La puberté — Bougault — 40 fr. ;  
*Nuel* — La vision — Doin — 4 fr. ;  
*Pérez* — L'enfant de trois à sept ans — Alcan — 5 fr. ;  
*Pérez* — Les trois premières années de l'enfant — Alcan — 5 fr. ;  
*Pérez* — L'éducation morale dès le berceau — Alcan — 5 fr. ;  
*Paulhan* — L'activité mentale et les éléments de l'esprit — Alcan — 10 fr. ;  
*Paulhan* — Le caractère — Alcan — 5 fr. ;  
*Paulhan* — La volonté — Doin — 4 fr. ;  
*Pillsbury* — L'attention — Doin — 4 fr. ;  
*Payot* — L'éducation de la volonté — Alcan — 5 fr. ;  
*Preyer* — L'âme de l'enfant ;  
*Queyrat* — La logique chez l'enfant — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Queyrat* — Les caractères et l'éducation — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Queyrat* — Les jeux de l'enfant — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Quetelet* — Physique sociale ;  
*Quetelet* — Anthropométrie ;  
*Ribot* — Psychologie des sentiments — Alcan — 7 fr. 50 ;  
*Ribot* — L'imagination créatrice — Alcan — 5 fr. ;  
*Ribot* — Les maladies de la mémoire — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Ribot* — Psychologie de l'attention — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Ribot* — L'évolution des idées générales — Alcan — 5 fr. ;  
*Ribot* — Logique des sentiments — Alcan — 3 fr. 75 ;  
*Ribot* — Les maladies de la volonté — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Ribot e outros* — De la méthode dans les sciences — Maloigne — 7 fr. 2 vol. ;  
*Richet* — Psychologie générale — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Richet* — Dictionnaire de Physiologie — Bougault — 27 fascicules apparecidos, a 8 fr. 50 cada um ;  
*Ruyssen* — De l'évolution psychologique du sentiment — Alcan — 5 fr. ;  
*Spencer* — De l'éducation — Alcan — 5 fr. ;  
*Sollier* — Le problème de la mémoire — Alcan — 3 fr. 75 ;  
*Sollier* — Essai critique et theorique sur l'association — Alcan — 2 fr. 56 ;  
*Sollier* — Psychologie de l'idiot et de l'imbécile — Alcan — 5 fr. ;

- Schuyten* — L'éducation de la femme — Maloigne — 4 fr. ;  
*Sergi* — Les émotions — Doin — 4 fr. ;  
*Sully* — Études sur l'enfance — Bougault — 10 fr. ;  
*Stepanoff* — Taille et poids des enfants des écoles de Lousanne ;  
*Van Biervliet* — La mémoire — Alcan — 2 fr. ;  
*Van Biervliet* — Esquisse d'une éducation de la mémoire — Alcan — 2 fr. ;  
*Vigouroux et Jacquellier* — Le contagion mentale — Doin — 4 fr. ;  
*Van Gehuchten* — Anatomie du système nerveux — Bougault — 30 fr. ;  
*Vannod* — La fatigue intellectuelle et son influence sur la sensibilité cutanée ;  
*Z. Thomas* — La suggestion — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Z. Thomas* — L'éducation des sentiments — Alcan — 5 fr. ;  
*Tarde* — Les lois de l'imitation — Alcan — 7 fr. 50 ;  
*Toulouse* — Comment former un esprit — Hachette — 3 frs. 50 ;  
*Toulouse Vascide et Pieron* — Psychologie expérimentale — Doin — 10 fr. 2 vol. ;  
*Wundt* — Hypnotisme et suggestion — Alcan — 2 fr. 50 ;  
*Wundt* — Psychologie physiologique ;  
*Woodworth* — Le mouvement — Doin — 4 fr.

Poderá agora o leitor perguntar porque preferira a organizaçáo da lista de livros seguir a ordem alfabética, quando podia com muito maior utilidade basear-me nos assumptos como critério de ordem. E eu lhe responderei que se assim fiz, foi por uma razão muito simples e que o convencerá desde o primeiro momento: — E' que eu não conheço a maior parte das obras indicadas.

Querendo me embrenhar pelo estudo da pedologia, guiei-me por este pensamento de Bouillet no seu *Dictionnaire des Sciences des Lettres e des Arts.*: «Depuis que les livres se sont multipliés à l'infini et qu'il a été tant écrit sur les matières les plus diverses, le premier soin de toute personne qui étudie ou qui veut écrire doit être de s'informer des ouvrages qui existent sur chaque sujet: c'est la biographie qui le lui apprend; aussi peut-on dire qu'elle est en ce sens le préliminaire de toutes les sciences, la guide de toutes les autres».

Isto posto, procurei por todos os meios ao meu alcance adquirir uma boa bibliographia pedológica. Bati livros, revistas,



jornaes e catálogos em busca de um bem aventurado autor que se tivesse lembrado de escrever sobre o assumpto que eu demandava. Com essa minha expectativa, nada encontrei.

A bibliographia da padologia, como a da psychologia e de outras sciencias, existe *un peu partout*, mas não se encontra, especialmente tratada, em parte alguma que eu saiba. Ora, desse *un peu partout* Faria de Vasconcellos offerecia a mais abundante mêsse, já pela necessidade de erudição inherente á obra que elle publicou, como ainda pela sua tendencia organica a citar livros e autores. Elle estava, pois, talhado para o fim que eu collimava.

Entretanto, Faria de Vasconcellos como outros autores, e o proprio Binet (1) não se lembrou do caso de um perfeito neóphyto desejeoso de estudar o assumpto a ao qual fosse indispensavel não só o titulo das obras principaes, como ainda e sobretudo, a ordem em que esse neóphyto as devia ir estudando para chegar ao conhecimento méthódico da matéria em questão.

No seu livro «Les idées Modernes sur les enfants, que é sob um criterio de maior utilidade pratica, o equivalente francez da obra de F. de Vasconcellos, — Binet cita os mesmos autores e quasi que os mesmos livros que o escriptor portuguez, porém, sem nenhuma preocupação de esclarecimentos aos neophytos.

Citou as obras tão sómente, quasi que deixando a entender que o leitor poderia começar por *a* ou por *b*, conforme o titulo lhe agradasse.

Ora, se o leitor vai basear-se pelos titulos, procurará, como é de bom conselho, adquirir em primeiro logar as obras de conjuncto, *les traités d'ensemble*, para passar depois aos detalhes, esses mesmos ordenados pelo criterio que a obra de conjuncto lhe tiver suggerido.

Assim, por exemplo, diversas obras citadas são do dominio puro da psychologia. E' claro que antes de adquirir, deve o leitor estudar um tratado de psychologia como o da W. James ou de Richet que estão indicados na bibliographia. Ou então, e melhor, estudará a *Technique de Psychogie experimentale* de Soulouse, Vaschide e Pieron. Este tratado é a obra inicial da *Bibliothèque Internationale de Psychologie Experimentale*, editada pela livraria Doin, sob os auspícios do Dr. Soulouse. Compõe-se de 50 volumes a 4 francos, que condensarão os conhecimen-

(1) No seu livro *Les idées modernes sur les enfants* Flammarion, 3.50, que é sob um criterio de maior utilidade pratica, o equivalente francez da obra de Faria de Vasconcellos, — Binet cita os mesmos autores, as mesmas revistas e quasi que os mesmos livros que o escriptor portuguez, porém sem nenhuma preocupação de esclarecimentos aos neóphytos.

tos actuaes de psychologia, e destina-se além de outros, aos pedagogos *ayant l'intention de faire des observations psychologiques dans les écoles*. Estão publicadas 18 dessas obras, quasi todas citadas por F. de Vasconcellos.

Já no estudo dum trabalho geral de psychologia esbarrará o leitor com uma difficuldade: a necessidade de conhecer perfeitamente o systema nervoso, os órgãos dos sentidos, anatómica e physiologicamente para poder comprehender o capitulo sobre as sensações.

Emfim, e por diversas vezes, terá de fazer incursões pelo dominio da medicina afim de obter noções de pathologia geral, de pathologia interna e externa, e, em particular, de pathologia infantil.

Eu paro aqui, lamentando não poder fornecer ao leitor que até aqui me acompanhar, esclarecimentos mais precisos sobre estes assumptos tão uteis.

A grande massa de livros, de revistas, que faz suppor uma grande variedade de matérias, nas quaes o professor nunca pensou precisar *mettre o bedelho*, poderá assustar aos mais timoratos, lembrando-lhes a aridez, o aborrecimento que tanta vez o empolgou nos bancos escolares.

Eu lhes direi, no entanto, que a pedagogia como está, orientada, tem o encanto inextinguivel das sciencias em formação, encanto que a todos penetra e que póde fazer do mais obscuro leitor um brilhante cooperador dos seus designios.

As sciencias em formação, com o seu movimento tumultuoso, com a febre dos collaboradores a torcerem-se em prodigios de engenho, com o entusiasmo que cerca os grandes iniciadores, com a abundancia de edições e com a fragilidade das doutrinas que sobem e descem, ephemeramente como um termómetro, parecem-se bastante com as maravilhas dessa litteratura de Doyle, que o leitor vai ávidamente buscar do menino vendedor de jornaes para matar as horas aborrecidas.

Ora, só isto basta, penso eu para pagar o trabalho, de as ler, mórmente quando a chuva tamborilla no telhado, a rua está deserta e a visinha põe, na janella timidamente descerrada, *une figure profondément ennuyeuse*.

EUDORO COSTA.



## NOTAS

*Um serviço inestimável*

O *Estado de S. Paulo*, no intuito de atrahir a attenção pública para o grande problema do nosso ensino primario, tem inserido em suas importantes columnas, em logar de destaque, opiniões, que solicitou, de abalisados professores paulistas, não sómente sobre o estado actual do nosso ensino público, como em relação ás medidas que elles julgam lhe deveriam ser introduzidas, afim de que esta nossa instituição social atinja á perfeição exigida pelo vertiginoso progresso da civilização paulista.

Nunca foi agitada uma questão, relativa ao nosso desenvolvimento social, com tanta opportunidade e habilidade como estas de que se serviu o nosso mais importante órgam de opinião pública, e que constituirá certamente uma das mais justas glorias da sua brilhantissima carreira de legitimo arauto das nossas aspirações de progresso.

Dessas *enquêtes* duas coisas ficaram desde logo patentes: que os professores se interessam pelo aperfeiçoamento do nosso ensino público; e que ha, neste, defeitos essenciaes, que são os primeiros a reconhecer, indicando, outro sim, as providencias que os poderão corrigir.

E' interessante notar que o problema da organização do nosso ensino público foi analysado em todos os seus aspectos principaes, não havendo grandes discordancias, para a sua resolução definitiva, entre tantas opiniões emittidas.

A maior importancia deste facto está em que as medidas lembradas, por isso mesmo que são quasi unânimes, mostram quanto é inadiável e imprescindível uma revisão na lei actual da instrucção pública.

Resta agora que o Congresso, estudando bem todo o assumpto, que o *Estado*, apuradas todas as opiniões, seguramente apresentará em larga synthese, fizesse uma lei de molde a attender a todas as exigencias das nossas necessidades sociaes, collocando a nossa instrucção primária á altura do progresso de S. Paulo.

Ao *Estado de S. Paulo*, pela sua acertada lembrança, os nossos sinceros applausos.

« A EDUCAÇÃO AMBIDEXTRA E O AMBIDEXTRISMO » — Clemente Quaglio. — Em um livrinho que recebemos e lemos com prazer o A. expende idéas sobre a pratica da ambidextria. Encontramos nelle alguma cousa de aproveitavel na orientação geral desse trabalho. Somos, porém, forçados a discordar do A. em alguns pontos, principalmente na parte referente á escriptura *à miroir* ou por transparencia. Os exercicios de ambidextria, experimentada em 1912 e generalizada a partir de Fevereiro de 1913, estão sendo orientados pelo trabalho de Omer Buyse — « Les méthódes américaines d'education ». Nem a orientação, nem a observação diaria dos exercicios seus faz ver em que a escriptura *à miroir* poderá contribuir para o desenvolvimento da criança, exigindo-lhe um esforço máximo para um resultado nullo na vida prática.

Mais ainda, esses exercicios devem ser iniciados nos primeiros annos e a criança principiante não poderá, de modo algum, realizar o que o A. deseja, a menos que não faça trabalho puramente material e perturbador da marcha natural que o ensinamento da escriptura deve seguir.

« Os exercicios de escriptura para os alumnos que já sabem escrever com a mão direita, pódem ser feitos de accôrdo com os modelos das pagas. 35 e 36 », diz o A., e com o dizer aconselha que se ensine primeiro a mão direita para mais tarde ensinar a esquerda, dando logo uma vantagem áquella em prejuizo desta sem reconhecer que é mais facil obtermos a pratica real da ambidextria quando os exercicios são iniciados simultaneamente.

Si levarmos ainda um pouco adiante as nossas ligeiras observações sobre o caso, notaremos que, á excepção do desenho symetrico não accetavel no curso primario, nenhum outro exercicio comportará a pratica dessa mesma symetria aconselhada pelo A..

No mais, o A. dá aos inexperientes uma explicação clara das razões de ser da ambidextria.

Agradecidos pela gentileza da offerta.

« O CULTO DA PATRIA E A MISSÃO DOS MESTRES » — é o titulo dado á bella oração proferida pelo sr. Nestor Lima por occasião da entrega dos diplomas aos professores da Escola Normal da cidade do Natal.

Agradecemos penhorados o exemplar com que fomos distinguidos.



Dentre as muitas publicações que nos honram com a sua permuta, recebemos recentemente as seguintes, que, penhorados, agradecemos:

- « EL MONITOR DE LA EDUCACION COMUM », de Buenos-Ayres.  
 « LA UNIVERSIDAD POPULAR » — República Argentina.  
 « REVISTA DE LA EDUCACION FISICA » — Buenos-Ayres.  
 « EDUCACION » — Lisboa.  
 « BULETIN OFFICIEL DU BUREAU DE RENSEIGNEMENTS DU BRÉSIL » — Paris.  
 « EDUCAÇÃO NACIONAL » — Porto.  
 « REVISTA DE LA UNIVERSIDAD DE HONDURAS ».  
 « AURORA » — Revista de Instrução — do Pará.  
 « REVISTA DO CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES » — de Campinas.  
 « ANALES DEL ATENEO » — Costa Rica.  
 « BULETIN MANUAL DEL MUSEO SOCIAL ARGENTINO » — República Argentina.  
 « BOLETIN DA ASSOCIAÇÃO PEDAGOGICA ALMIR NINA » — Maranhão.  
 « A BIBLIOTHECA PUBLICA » — do Estado de Sergipe.  
 « REVISTA ESCOLAR DO INSTITUTO DE HUMANIDADES DO CEARÁ » — Fortaleza.  
 « O periodico, GERMANIA », Capital.

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A Directoria da Associação no intuito de concorrer para maior divulgação da *Revista*, acaba de enviar aos Srs. Professores a seguinte circular:

« Distincto Collega: — Desejando concorrer para maior divulgação da *Revista de Ensino*, órgão da Associação, a Directoria resolveu oferecer uma collecção completa da *Revista* (dez annos) ás Sras. Professoras e Professores que se inscreverem como socios contribuintes e pagarem de uma só vez a joia e annuidade (30\$000).

Na certeza de que aceitareis a oportunidade que agora se oferece de adquirir tão util e importante publicação, vindo colaborar com os que se esforçam pelo prestígio e agremiação da classe, esperamos a devolução da proposta que junto a esta encontrareis e na qual fareis as necessarias declarações.

Saúda-vos com toda consideração — A DIRECTORIA. »

O *Gremio Normalista 16 de Maio*, conforme comunicação recebida do Sr. Secretario, foi empossada a nova directoria para o periodo de 1913-1914, assim composta:

- Sr. Adroaldo Alves Corrêa — Presidente.  
 D. Benedicta Fusaro — Vice-Presidente.  
 Sr. Aggêo Pereira do Amaral — Secretario.  
 D. Henriqueta Villaça — Secretaria.  
 Sr. Aluisio de Azevedo Marques — Orador.  
 D. Sarah Veiga de Barros — Oradora.  
 Sr. Antonio Alves Lima — Thesoureiro.  
 D. Maria Pinheiro Machado — Procuradora.

Commissão de Contas — D. Dalila Camargo, Abilio Fontes e Osorio Teixeira da Fonseca.



## “Revista de Ensino”

A *Revista de Ensino* contiúia a representar na imprensa a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S Paulo*.

E' o seu orgam; a ella devem ser endereçados (rua das Flores, 9-A), os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados podem obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

A Directoria Geral da Instrucção Pública tem a seu cargo a redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboraçãõ com este endereço :

*Redacção da Revista de Ensino,*

*Directoria Geral da Instrucção Publica,*

*Rua Ipiranga n. 24.*

*S. Paulo.*

\* \* \*

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado. Recebem-se as collaborações para o seguinte numero.

A' venda — collecções completas, dez annos, sete volumes :

Encadernação superior . . . . .	45\$000
Meia encadernação . . . . .	55\$000
Em brochura . . . . .	30\$000
Em fasciculos . . . . .	20\$000

Registrada, pelo Correio, mais 5\$000.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua das Flores, 9-A, ou á livraria *Francisco Alves & C.*, rua de São Bento — Capital.